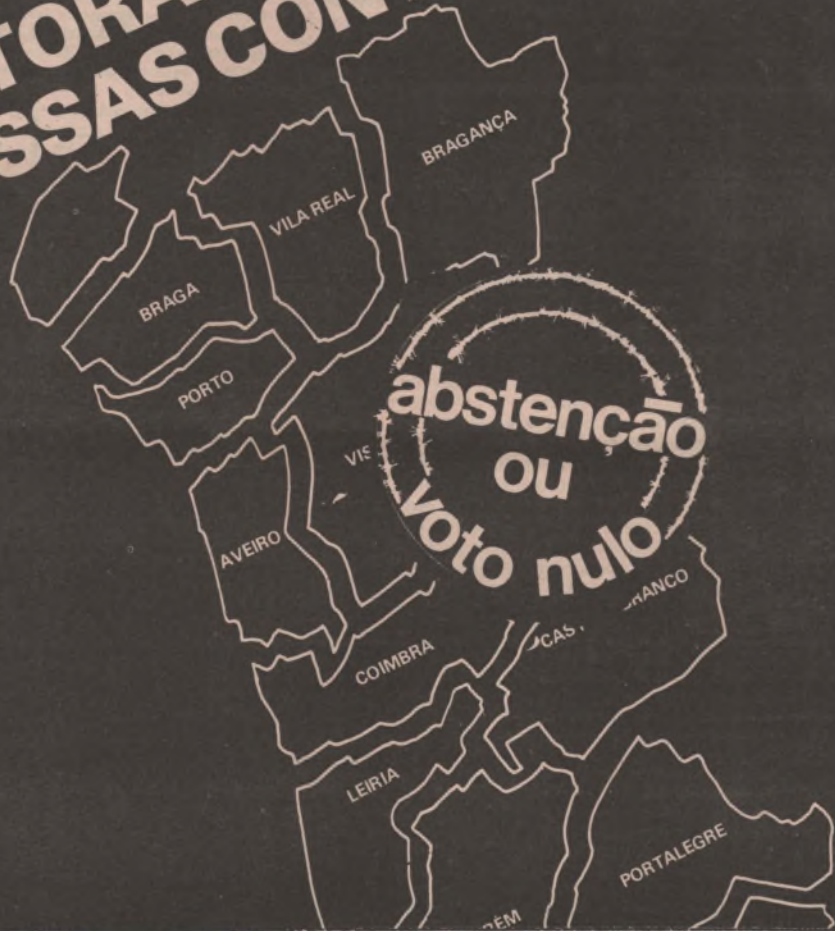


Revolução

Páginas Centrais

OS RESULTADOS ELEITORAIS PELAS NOSSAS CONTAS



POR QUE É QUE VOTOU?

Entrevistas págs. 3, 4, e 12

POR
UM
1.º DE MAIO
DE COMBATE

AS ELEIÇÕES E O 1.º DE MAIO

Pág. 6

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

e a actualidade nacional/eleições

Porto-Voz do PARTIDO
 REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

O CDS EM AMARANTE

Amarante é uma vila situada entre o Douro e Trás-os-Montes com um numeroso proletariado. Tem sido uma terra de resistência antifascista, a prová-lo está que o C.D.S. só conseguiu fazer propaganda fascista depois do golpe reaccionário de 25 de Novembro.

A unidade demonstrada pelos trabalhadores das várias forças políticas, quanto à população de Amarante, mostra bem que a resistência antifascista já está reforçada abrindo-se, assim, boas perspectivas para que a

unidade revolucionária dos trabalhadores seja um facto.

COMUNICADO

Camaradas:
 Ontem, cerca das 11 horas da noite, uma caravana do C.D.S. passou por Amarante e, sem qualquer motivo, elementos dessa caravana alvejaram com dois tiros numa perna um camarada trabalhador. Depois de alvejado e quando se encontrava no chão, foi ainda agredido à paulada pelos caceteiros do C.D.S.

Isto mostra-nos bem

que a política fascista do C.D.S., que diz defender a democracia é a cademocracia deles é a catetada e os tiros contra trabalhadores.

Mais uma vez a Policia mostrou que está ao lado dos caceteiros e fascistas do C.D.S. e não ao lado dos trabalhadores pois a Policia chegou muito mais tarde e a más horas e não tomou qualquer medida para intervir.

No entanto, os trabalhadores de Amarante souberam responder a esta provocação e assim como todos os trabalha-

dores portugueses, sabero responder a todas as provocações destes individuos.

dispostos a reprimi-los. Compunham a caravana fascista, além de outros automóveis não identificados, os seguintes veiculos:

DESAFIAMOS A P.S.P.

As informações aqui contidas foram fornecidas à P.S.P. pelos trabalhadores que integravam a manifestação realizada depois do atentado fascista como forma de protesto.

Na altura em que a P.S.P. foi contactada mostrou-se mais interessada em defender a esquadra, com medo dos trabalhadores tendo dito que se os trabalhadores fossem protestar diante da esquadra estavam

BMW branco cujo proprietário é o Castro da Torrado (Felgueiras) um Fiat 600 branco com matrícula tapada com cartazes do C.D.S., uma furgoneta Opel branca com matrícula não identificada, uma furgoneta Ford branca não identificada. Esta moção foi aprovada em manifestação por unanimidade pela L.C.I., P.C.P., M.D.P., U.D.P., P.S., P.R.P.

Amarante, 23-4-76

A EUROPA ESTA CONNOSCO...

O 25 de Abril é para o povo português a festa grande da derrota do fascismo. É a festa precursora duma outra festa maior — a derrota do capitalismo, da exploração.

Mas não entendem assim os senhores da Radiotelevisão Portuguesa. Para eles o 25 de Abril deverá ser a festa da alienação. O carnaval dos burgueses. E convém também fazer pensar assim, aos nossos «amigos da Europa». A social-democracia sempre foi pródiga em dar bombons aos trabalhadores para os calar.

Para este 25 de Abril de 1976, em que a burguesia nacional e internacional apostou houve um carnavalesco contrato entre a TV portuguesa e a alemã. Os representantes mais legítimos da «Europa que está connosco» forneceram televisão a cores e ainda por cima um «monumental» espectáculo de pernas e máscaras de alienação, que inundou as casas deste país, à mistura com os resultados eleitorais.

Mas sobretudo intencional foi o

reaccionariamente infeliz filme «os discursos do poder» que passou no princípio da noite.

Sem exagero metade do filme é virado para Spinola. Os seus macabros discursos aparecem quase inteiros como que a querer reincarnar uma figura e mostrá-la como a voz «sensata» que previu todos os males.

Isto quando se fala do seu regresso. Quando se fala em golpe da extrema-direita por ele fabricado.

Para encobrir (ou não!) mostraram o juramento revolucionário dos soldados do Ralis. Foi um insulto dos mais sujos aos trabalhadores portugueses aquela salada em que se misturam intencionalmente imagens constantes dos seus inimigos — os Spinolas os Sanches Osórios, os Eanes.

A televisão portuguesa pelos vistos tem saudades dos dias em que os seus telejornais eram inundados pelos corta-fitas e os embarques dos soldados.

E no entanto, agora tem já muito bom fascista para filmar...

Revolução

Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME
 MORADA
 LOCALIDADE
 PROFISSÃO

ASSINATURA: Semestral 90\$00
 Anual 180\$00

Estrangeiro

ASSINATURA: Semestral 300\$00
 Anual 600\$00

PAGAMENTO: Em cheque
 Em vale

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa
 Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa
 Tel. 573520/573640/573717/573670

DELEGAÇÃO DO NORTE
 Rua Álvares Cabral, 110, PORTO

LIVRARIAS REVOLUÇÃO

CABO RUIVO
 Rua do Vale Formoso de Lima, 127-A. Horário — das 12 às 14 horas e das 16,30 às 24 horas.

ODIVELAS
 Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D. Horário — das 12 às 20 horas.

ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110
 Tel. 316759/315786

VIANA DO CASTELO — Rua de Altamira, 102 Tel. 24320

ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Eça de Queiroz, nº 33

MARINHA GRANDE — Rua Marques de Pombal, nº 65

ARGEA — Tel. 92169

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, n.º 60 — Tel. 25542

CASTELO BRANCO — Rua de Santa Maria, 10

S. JOÃO DA MADEIRA — Rua Jaime Afreixo, n.º 142

ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, n.º 40

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, n. 15 — Algés de Cima Tel. 2100337

PAREDE — Rua Gomes Freire de Andrade 1 Tel. 2474142

SACAVEM — Largo 5 de Outubro, n.º 16 17 Tel. 2512807

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, n.º 40 Tel. 939525

CACEM — Rua de Paço de Arcos, Lote 16

ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETUBAL — Rua Jorge de Sousa (Colégio Frei Agostinho da Cruz)

BARREIRO — Rua dr. Eusebio Leão, n.º 31 Tel. 2076745

LAVRADIO — Rua dr. José Carcano Loba, n.º 12

QUINTA DA LOMBA — Rua de Gai, 21-A

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional, n.º 10 Tel. 2763267 / 2763397/2763122

QUINTA DA LOMBA — Praça Francisco Xavier

SINES — Rua Marques de Pombal, n.º 86

ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

EVORA — Largo do Chão das Covas, n.º 21 Tel. 24998

BEJA — Rua Alexandre Herculano, n.º 29 Tel. 24584

ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — Rua Dr. Candido Guerinho, 35 Tel. 24107

LOULÉ — Av. José da Costa Mesinha, n.º 39-1.º Tel. 63043

PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17

OLHÃO — Rua 18 de Junho, n.º 64-B-C

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 70017

POR QUE É QUE VOTOU?

«Revolução» esteve presente em várias assembleias de voto de muitas terras, de Norte a Sul do País. O nosso jornal fez centenas de entrevistas. A todos os entrevistados foi perguntado: PORQUE É QUE VOTOU? Alguns responderam laconicamente, outros dão explicações mais completas. No entanto, tivemos que retirar a maior parte das respostas, porque eram idênticas a algumas que ficaram, e que mantivemos como típicas. «Porque é um dever», «Porque é um dever de todo o cidadão» e «Para melhorar a vida», foram essas respostas que surgiram em grande número. Essa resposta estereotipada surge-nos como um eco da campanha oficial, onde o «slogan» «votar é um dever» surge ao mesmo nível do «Omo lava mais branco». E o cidadão, tal como estende a mão no supermercado, para o detergente cujo nome ouviu papaguear na televisão, no cinema, também se dirige a cumprir o «dever» de que ouviu falar intensamente. A alienação é a mesma.

Muitos trabalhadores não se perguntam a si próprios porque é que vão votar e se as eleições resolverão algum problema. Apesar da forte percentagem de abstenções e de votos nulos e brancos, que significam mesmo uma recusa do acto eleitoral, podemos dizer que grande percentagem dos votantes não tem consciência do que está a fazer.

E, quanto aos votos nulos, há um outro inquérito que seria interessante de publicar, mas que o sigilo não nos permite: o inquérito aos escrutinados sobre os votos nulos. E não nos venham dizer que os votos nulos são dos ignorantes... Porque não é ignorante quem escreve «viva a ditadura do proletariado», «viva o Poder Popular», ou que põe um risco de alto a baixo.

SACAVÉM

Operadora mecanográfica. 37 anos

— E um acto cívico que tem que demonstrar a vontade do povo. Toda a gente deve vir votar.

Funcionária pública. 39 anos

— Porque acho que devo votar.

Doméstica. 67 anos

— Gosto de votar, só uma vez votei na vida, gosto que haja um partido no nosso Portugal, que haja quem mande e saiba governar os pobres. O Sol quando nasce é para todos e Deus quando nasce cobre os filhos com a mesma manta.

Carpinteiro. 70 anos

— Porque quero.

Engenheiro. 48 anos

— Sempre votei. E a quarta vez que o faço. Penso que todo o cidadão deve ter possibilidade de escolher, livremente, os representantes que ele pense que melhor defendem os seus interesses.

Empregado bancário. 50 anos

— E um dever cívico. Está estabelecido pelas leis, embora não seja obrigatório e prezo-me de as cumprir. Não vou coagido.

Mecânico. 18 anos

— Acho que talvez daqui a um tempo isso seja bom para todos.

Pulidor. 18 anos

— Tenho idade para votar... Voto a ver se isto fica melhor, mas para mim é igual. Não faz diferença.

Oficial da Armada. 59 anos

— E um dever de todo o cidadão, votar.

Continua. 35 anos

— E um dever de todos os portugueses. Todos devemos contribuir para um bem de todos e isto é uma coisa excepcional e nenhum português se deve negar a votar.

Pedreiro. 59 anos

— Para ver se melhoramos de vida e isto passa a ser melhor do que até aqui.

Comerciante. 56 anos

— Para conseguirmos um governo estável e se Portugal entra no bom caminho.

Mecânico de automóveis. 26 anos

— E um dever de patriota e para escolher à minha vontade e à de todos os patriotas, para escolher o caminho que vamos viver a seguir a isto.

Caldeireiro (Construção Naval), 42 anos

— E um dever votar... pelas amplas liberdades.

Desempregado. 40 anos

— Eu venho cá porque sou obrigado. Não percebo nada disto. (Desconfiado de que pudessemos utilizar as suas palavras contra ele).

Empregado de Seguros. 26 anos

— E um dever dos portugueses e só por uma votação total se pode conseguir uma coisa útil para todos.

Operária. 27 anos

— E dever; para impormos a nossa ideia.

Doméstica. 40 anos

— Porque é um dever.

Profissional de Seguros. 44 anos

— E um dever consagrado pelo Estado actual. O que se faz agora é um direito inalienável das pessoas na selecção do que lhes interessa fundamentalmente e que lhes tem sido vedado pelos sistemas anteriores.

Empregado do Comércio. 30 anos

— E um dever que temos; escolher o que queremos... Não é bem assim, mas quase.

Doméstica. 42 anos

— Para uma melhoria da situação, em que eu não acredito.

Litografa. 21 anos

— Para defender o País do fascismo.

Mulher a dias. 55 anos

— Sei lá... se quer que lhe diga, acho que seja um dever.

Fiscal de trabalhos da Carris. 48 anos

— Sou cidadão português e é dever de todo o cidadão votar para reconstruir um País que estava perdido.

Estudante. 23 anos

— E necessário... Temos que escolher um governo.

Professora. 20 anos

— E importante assegurar uma maioria de esquerda.

Empregada doméstica. 38 anos

— Para ver se o País fica melhor. Isto tem andado muito tremido e acho que as eleições podem ajudar.

Continua na pág. 4

NOTAS BREVES

ARMAS NAS MAOS DOS FASCISTAS

Foram presos quatro indivíduos na Melhada por terem em seu poder quatro granadas, várias matriças e barras de ferro. Esses indivíduos são do CDS.

Enquanto o actual poder anda a tentar desarmar os trabalhadores, provocando a denúncia, fazendo buscas a sedes de partidos de esquerda, herdades colectivas, cooperativas, creches populares e sindicatos, os fascistas andam armados.

Aconteceu por diversas vezes que elementos da segurança do CDS e PPD tenham exibido as suas armas, em comícios, contra os trabalhadores.

O actual poder nem sequer é capaz de disfarçar que está a tentar recuperar armas, mas só as armas nas mãos dos trabalhadores!

PS: UM PR CIVIL PARA SUPERAR A CRISE?

O jornal «A Luta» de 24/4/76, quando transcreve extractos da entrevista de Pires Veloso ao «Jornal de Notícias», trata-o como «o futuro Presidente da República».

Sendo este jornal o porta-voz da ala mais direitista do PS, quererá isto dizer que ela aposta em Pires Veloso?

Todavia, o «Portugal Socialista» de hoje sugere a candidatura de um civil para se ultrapassar a crise. Assim, afirma-se nomeadamente:

«Face ao resultado das eleições para a Presidência da República e à preponderância sempre nociva que as instituições militares podem ainda vir a exercer na vida política portuguesa, uma candidatura civil à Presidência da República será talvez a melhor forma» de a «actual maioria parlamentar relativa ser confirmada através de uma maioria presidencial absoluta» (sublinhado nosso).

Desta forma o P. S. pretende governar com um PR (possivelmente Henrique de Barros ou Magalhães Godinho) eleito por uma maioria PS/PC/PPD.

Estará o PPD disposto a apoiar um candidato civil que é membro do PS?

MDLP PORQUE SE FALA NA DISSOLUÇÃO

Segundo o «Jornal Novo» de 24/4/76: «Fontes militares fidedignas garantem que o MDLP se deverá dissolver logo após as eleições para a Assembleia da República. O CR, aliás, está informado de que a dissolução poderá ser anunciada já na próxima segunda-feira, visto que o maior dos militantes do Movimento Democrático para a Libertação de Portugal considerava restabelecida em Portugal a via democrática».

Que quer isto dizer?
Estará esta dissolução, caso seja verdadeira, relacionada com os artigos de Walraff sobre Spínola, MDLP e a ligação deste com o CR e pretendem assim abafar o escândalo, ou pensarão mesmo que têm agora que actuar de outra maneira para imporem o fascismo?

MANIFESTAÇÃO 1.º DE MAIO SÁBADO

15 horas Terreiro do Paço
Convocada por órgãos de Poder Popular

e a actualidade nacional/eleições

POR QUE É QUE VOTOU?

Continua na pág. 3

Profissional de Seguros. 32 anos

— É a única maneira de se chegar a um bocadinho de democracia.

Empregado bancário. 38 anos

— Neste momento há necessidade imperiosa de o povo português saber o que quer, e como necessitamos de apoio incondicional à esquerda, vim votar.

Operário. 30 anos

— Voto em branco. Não é com eleições que os problemas dos trabalhadores se resolvem. Só com a consciência dos trabalhadores se chegará ao ponto final.

Funcionária pública. 47 anos

— Não sei.

Militar. 23 anos

— E lixado dizer porque é que um gajo vota, mas parece-me que será uma mínima responsabilidade de se meter um deputado para fazer ouvir a voz dos trabalhadores; mas não será com eleições que se ganha a revolução, mas é uma possibilidade mínima.

Carteiro CTT. 29 anos

— Para que haja um Portugal melhor, contra 48 anos de fascismo.

Funcionário público. 66 anos

— Cumprir o dever da tentativa de independência da Pátria.

Electricista 25 anos

— É obrigação de consciência, votar.

Trabalhador. 21 anos

— Não sei.

Empregado de escritório. 26 anos

— É uma forma de exprimir ideias. E as eleições podem resolver ou não os problemas, mas estou desconfiado que não.

Pintor. 24 anos

— Voto nulo, porque é uma fantochada. Avante com o Poder Popular.

Doméstica. 19 anos

— As eleições não levam a nada. Eu não voto.

Comerciante. 45 anos

— Cabe a cada português votar, na esperança do melhor para o nosso País.

Enfermeiro. 35 anos

— É dever de ser humano consciente. Somos diferentes dos animais porque temos raciocínio e podemos escolher o que queremos.

Ferrovário. 51 anos

— Todos devem votar a escolher o partido que mais nos convém. Mas tenho dúvidas que as eleições resolvam o problema.

Jardineiro 55 anos

— Para ver se tenho uma vida melhor.

Doméstica. 64 anos

— Hoje é dia de festa, podemos escolher quem queremos, e acho que

as eleições vêm resolver os problemas.

Funcionária pública. 48 anos

— Porque quero votar.

Empregado de armazém. 39 anos

— Porque é um dever dos portugueses. Tivemos 48 anos de fascismo e era para ver se o nosso País ia para a democracia, para uma vida melhor.

Pintor da Construção Civil. 31 anos

— Como o ano passado nada se resolveu, a ver se isto melhora, para bem de todos.

Desempregada. 44 anos

— Tenho muitas dúvidas que isto resolva os problemas. Se o povo estivesse mais unido talvez, porque isto está cada vez mais torto. Já me disseram directamente, na minha casa, pessoas da minha família, que são quase todos CDS que, quer ganhe a direita, quer ganhe a esquerda, os da direita têm que dar um golpe e implantar uma ditadura. Tenho andado muito traumatizada e confusa. Já não sei em quem votar. A bem ou mal a direita quer vencer.

Empregado de mesa. 29 anos

— Voto porque nunca votei.

Enfermeira. 39 anos

— É uma escolha consciente dos que melhor nos podem representar, mas tenho dúvidas de que todas as pessoas estejam conscientes do significado do acto eleitoral.

Chefe de vendas. 48 anos

— Julgo que a maneira de dirigir o País é as pessoas exercerem o direito de voto. É uma forma de cooperação individual, mas que se reflecte na sociedade.

CHARNECA

Serralheiro civil. 31 anos

— É necessário votar para ver se voto melhor. Escolher o partido que defenda a classe operária.

Motorista. 36 anos

— Acho que é um dever.

Bate-chapas. 19 anos

— Votar é para o bem de todos. É um dever.

Estudante. 18 anos

— Para evitar que a direita tome conta do poder.

Marmoritador. 50 anos

— É um dever.

LUMIAR

Pintor. 21 anos

— Por obrigação.

Bancário. 39 anos

— É um dever; através do voto se elego o Governo.

Carpinteiro. 58 anos

— É um dever, tal como no ano passado.

Dona de casa. 40 anos

— É um dever de todo o cidadão.

SANTO CONDESTÁVEL

Estudante de medicina

— Porque é um dever nosso. Foi uma coisa que nos deu o 25 de Abril.

— Acho que as eleições deviam servir para tornar os pobres menos pobres e os ricos menos ricos.

— Não sei que tipo de Governo gostava de ver depois das eleições. Um regime socialista.

Empregada de escritório

— Porque é uma coisa que devemos todos fazer.

— Não sei que tipo de Governo gostaria de ver aqui depois das eleições... é difícil de dizer.

Operário têxtil

— O meu pai é do P.C. há muitos anos. E ele hoje bem me dizia: «Tu ainda tens peneiras que isto vai lá assim? Isto agora só vai mesmo à porrada. Está a direito no Governo!» e eu concordo mesmo com ele.

Morador do Casal Ventoso

— Eu vim aqui porque toda a gente veio, mas sei que não é isto que me vai dar uma casa de pedra e cal. Ou a gente os obriga ou estamos bem lixados.

Continua na pág. 12

HISTÓRIA DO 1.º DE MAIO

Chicago, 1 de Maio de 1866.

Na sequência da luta desenvolvida pela jornada de 8 horas de trabalho e respondendo ao apelo de greve geral lançado pela Federação dos Trabalhadores dos E.U.A. e Canadá, milhares de operários são alvo de uma brutal violência.

Com efeito, é nesta altura que a burguesia começa a reprimir na rua e brutalmente, as movimentações operárias.

A jornada de trabalho de 8 horas era, desde há muito, uma aspiração da classe operária norte-americana, disso sendo prova as numerosas greves registadas em vários Estados entre 1873 e 1877, de entre as quais é justo salientar, pela sua importância, a dos ferroviários.

Uma vez chegada a data (1 de Maio de 1866) prevista para a greve geral, o movimento grevista alastrou mais e mais.

É assim que, a 3 de Maio, os operários de uma fábrica de Chicago, todos despedidos por solidariedade para com os delegados sindicais, organizam uma manifestação.

A Polícia surge e dispara a matar: um operário morre e centenas deles ficam feridos. Em resposta, os operários marcam um comício para o dia seguinte: uma vez mais intervem brutalmente a Polícia.

Uma bomba, atirada não se sabe por quem, mata alguns polícias e gera o pânico. Trava-se, em seguida, uma verdadeira batalha a tiros de espingarda e revólver, após o que são feitas prisões em massa.

Balanço da repressão: cinco condenações à morte, duas à prisão perpétua.

Todavia, o operariado americano não cedeu — em 1 de Maio de 1890, realiza-se nova manifestação pelas 8 horas de trabalho, desta feita convocada pela Convenção Operária de S. Luís.

Entretanto, e expressando a indignação e revolta que os acontecimentos de Chicago provocaram no proletariado europeu, o Congresso de Paris, em Junho de 1889, decidiu escolher o 1.º de Maio como dia de luta do operariado internacional.

A partir de 1890 a internacionalização do 1.º de Maio torna-se um facto.

Em quase todos os países, o operariado comemora tal data, erguendo a sua voz dos confins da América do Norte até aos recônditos da Europa.

Por outro lado, é com a internacionalização do 1.º de Maio — que tem provocado numerosas e ferozes manifestações — que a legislação económico-social se começou a desenvolver, pois que a burguesia, na tentativa de travar as lutas operárias, viu-se forçada a fazer algumas concessões.

Além disto, os governos burgueses e os seus representantes no seio da classe operária — s reformistas — têm tentado por todos os meios recuperar a festa internacional do trabalho, tomando-a uma pacífica manifestação de cinismo.

Deste modo, a burguesia no Poder, promove toda a espécie de palhaçadas oficiais — piqueniques, passeios ao campo, desfiles — para trair o verdadeiro significado revolucionário do 1.º de Maio.

No caso concreto de Portugal, o 1.º de Maio foi, durante o fascismo, um dia em que a classe operária e os revolucionários em geral mostraram a sua firme disposição em não aceitar semelhante regime político — disso são exemplo as inscrições, distribuição de targetas e paralizações, então feitas.

Isto, é claro, para além das acções armadas desenvolvidas pelas Brigadas Revolucionárias nos últimos 1.ºs de Maio.

A BURGUESIA ESCOLHE CANDIDATOS

Ainda o eleitorado não tinha ido às urnas legitimar este arremedo de democracia burguesa — cada vez menos provável porque cada vez mais destabilizada — e já a campanha para a Presidência da República havia começado.

No entanto, e apesar do PR ser um lugar chave nos órgãos do poder, a verdade é que as diversas camadas da burguesia não estão unidas quanto à escolha do candidato que, no próximo 27 de Junho, será submetido à votação.

Por outro lado, se esta era já a situação antes do último 25 de Abril e se os resultados das eleições são fundamentais na redefinição da tática da burguesia, a situação permanece confusa e complexa.

Vejamos, um a um, os candidatos que têm sido referidos.

PIRES VELOSO: APOIO DO PS?

A candidatura do comandante da Região Militar do Norte tem vindo a ganhar corpo nas últimas semanas.

Sendo um ponto assente que o CDS e o PPD o apoiam, a grande dúvida está em saber que posição assumirá o PS (e talvez mesmo o PC...).

No fundo, trata-se de um adiamento nas alianças que o PS diz recusar para a formação do Governo.

A questão é, pois, a seguinte: Vai o PS apoiar o mesmo candidato que o PPD (aliança PS/PPD) ou, pelo contrário, irá apoiar o candidato do PC (aliança PS/PC, isto é, «maioria de esquerda»)?

A escolha que o PS fizer vai ser o barómetro da relação de forças internas no PS, pois é presumível que a «a a Lopes Cardoso» não queira apoiar Pires Veloso.

Entretanto, Pires Veloso não parece apoiar uma eventual candidatura de Pinheiro de Azevedo. Em entrevista no passado dia 24, a um matutino nortenho, o comandante da RMN afirma: «tenho que saber qual é o passado do sr. Almirante».

Haverá insinuação mais clara? Na mesma entrevista, o perfil político deste militar está patente quando ele diz:

«O País, o que precisa é de trabalho. É de trabalho porque, se se começa a trabalhar a democracia conquista-se. Conquista-se sem convulsões. Caso contrário há-de haver milhares de mortos, talvez ... Então a democracia será um problema e nem sei se lá chegaremos!»

PINHEIRO DE AZEVEDO: UNIR OS PARTIDOS DO VI GOVERNO?

O actual Primeiro-Ministro não tem escondido a sua intenção em se candidatar à PR.

Acaso conseguirá ele, como pretende, o apoio do PPD, PS e mesmo PC?

A verdade é que, por enquanto, nenhum dos partidos governamentais se pronunciou contra Pinheiro de Azevedo, embora o PPD prefira Pinheiro de Azevedo e Ramalho Eanes.

Todavia, Pinheiro de Azevedo é fortemente contestado por largos sectores do Exército e da Força Aérea pelo que, só dificilmente, conseguirá o consenso bastante, nas Forças Armadas, para se candidatar.

Por outro lado, a sua candidatura obrigaria o CDS a avançar com Galvão de Melo, isto é, dividiria a burguesia.

Sendo assim, tudo indica que Pires Veloso ou Ramalho Eanes são mais preferíveis que Pinheiro de Azevedo.

COSTA GOMES QUE HIPÓTESE?

Dado que o CDS e o PPD afirmaram já não apoiar Costa Gomes, fica

em aberto a hipótese da sua eventual candidatura ser apoiada pelo PS/PC.

Uma vez mais, o que está em causa é a política de alianças que o PS não fez para as legislativas mas que, provavelmente, terá que fazer para as presidenciais.

Terá a «esquerda» do PS força suficiente para apoiar Costa Gomes? E, em caso afirmativo, que consequência terá tal atitude no seio do PS? Quem cumprirá semelhante directiva?

De resto, o actual PR tem afirmado várias vezes que «não desejava» candidatar-se, se bem que, cuidadosamente, deixe sempre a porta em aberto para soluções de «emergência». E bem possível que estes dois meses, até ao início de Julho criem tal situação. Só que as candidaturas têm que ser entregues até ao final de Maio.

CANDIDATO CIVIL

É neste contexto que ganha corpo a possibilidade de surgir um candidato civil, para que as Forças Armadas

não apareçam publicamente divididas. Assim, o candidato civil (tem-se falado de Henrique de Barros e Maçalhães Godinho, ambos do PS) esconderia as confessadas divergências no seio das Forças Armadas, divergências que seriam agravadas pela escolha de um ou mais militares para as eleições à PR.

O próprio Vasco Lourenço afirmou a esse respeito: «Gostaria que aparecesse um civil para se candidatar e que pudesse, de facto, obter o consenso geral do povo português para a presidência da República porque, apesar de neste momento a união dentro das Forças Armadas ser bastante grande, estou convencido que a candidatura de elementos militares apresenta, pelo menos, uma possibilidade de criar cisões».

Resumindo e concluindo: A burguesia ainda não encontrou o homem em torno do qual se possa unir.

As divisões no seio do inimigo, que são reflexo dos interesses das várias camadas existentes têm os revolucionários que contrapôr a sua unidade.

GOVERNO DO PS — que estabilização?

Obtendo 35 por cento dos votos depositados nas urnas pelo eleitorado e não tendo, portanto, maioria absoluta no Parlamento, o PS insiste em governar sozinho com «independentes» (leia-se ex-PPDs, ex-MESS e o que resta do «grupo dos nove»).

Conseguir-lo-á? Será capaz de aguentar a situação económica sem reprimir os trabalhadores?

Pensamos que não. A bem dizer, os resultados das últimas eleições prejudicam sobremaneira, em termos de governo, o exercício do poder pelo PS.

Dirão alguns que o PS e o PC tem maioria parlamentar. Só que isto não representa qualquer aliança duradoura entre estes dois partidos. De resto, nem a social-democracia europeia o permitiria... E, mesmo que o permitisse, não era um governo PS/PC que barrava o caminho ao fascismo

Assim sendo, e afastada também a hipótese de um governo PS/PPD (este já seria permitido e até abençoado

pelo capital internacional), que hipótese resta ao PS?

Tudo concorre para que o PS forme governo isoladamente e que, de acordo com a matéria legislativa em discussão no Parlamento, aprove as leis ora com o acordo do PPD ora com o apoio do PC.

Esta alternativa, teoricamente aceitável, é absolutamente inviável num país com a nossa situação económica e social.

Com efeito, e independentemente da importantíssima questão de saber que alianças fará o PS para a Presidência da República (ver neste número «a Burguesia escolhe os candidatos»), as massas populares não vão aceitar um governo que terá fatalmente que aumentar o custo de vida e favorecer os capitalistas.

Um governo PS será, além disto, um governo que ora faz concessões aos partidos fascistas e fascizantes (PPD/CDS) ora aos reformistas (PC).

Deste equilíbrio instável, desta corda bamba, não pode resultar qualquer

espécie de estabilização em democracia burguesa.

E o capital internacional já se começou a aperceber disso.

O PS vai, pois, ser incapaz de satisfazer uma só que seja das mais profundas aspirações do povo português. E é por o saber que Mário Soares afirma que estes quatro anos não são para construir o socialismo mas, tão somente, para enraizar a democracia burguesa!

Deste modo, o PS vai ficar entre dois fogos cruzados: de um lado os partidos da direita (CDS, PPD) pelos quais ele tanto lutou, do outro os revolucionários e muitos militantes do PC que, sinceramente devotados à causa do Comunismo, tão vilipendiados e insultados tem sido pelo PS e pela direcção do PC.

Nesta situação, é tarefa urgente dos revolucionários unir tudo quanto é possível unir, por tal forma que haja uma alternativa viável a apresentar aos sociais-democratas e à direcção revisionista do PC.

e a actualidade nacional/eleições

AS ELEIÇÕES E O 1.º DE MAIO

Durante as últimas semanas a rádio, a televisão, os jornais, os cartazes e os mais diversos papéis inundaram os grandes centros populacionais e penetraram nas mais recônditas aldeias. O País foi submerso com a propaganda partidária, sobretudo a dos grandes partidos. Milhares de comícios (mas muito poucas sessões de esclarecimento) foram levadas a cabo de Norte a Sul do País. Milhões de escudos foram gastos pelos grandes partidos para se afirmarem como os melhores aos olhos do eleitorado e, assim, obterem uma vitória na corrida.

Os grandes partidos burgueses obtiveram já uma fatia do bolo, que lhes permitirá negociar a sua participação no Poder.

O CDS duplicou a votação e passou de 16 para 41 deputados à chamada Assembleia da República. Reforçou o seu poder de negociação. Contudo ficou bastante aquém do esperado. O PPD sofreu um leve revés (perdendo cerca de 200 mil votos em relação ao ano passado) mas permanece em forma para disputar o Poder. Dispõe de apoios importantes na hierarquia da Igreja e nas Forças Armadas. O PS, apesar de ter perdido cerca de 250 mil votos continua a ser o partido mais votado a bate-se pela formação de um governo de não-coligação com o programa do PS, desejando, contudo, a presença aí de elementos civis e militares, que não façam perigar as suas directrizes. Para o PS, aliar-se à esquerda ou à direita é algo difícil e que poderia originar o seu esfrangalhamento. Entre as posições de um Cardia e de um Zenha e as posições de um Lopes Cardoso e de um Carlos Candal vai uma certa distância. São contradições no seio da mesma classe, é verdade, mas mesmo assim podem agudizar-se. Poderia mesmo neste momento o PS fazer uma aliança à direita ou à esquerda, sem correr o risco de se partir?

Por um lado o PC subiu cerca de 75000 votos mas não conseguiu recuperar grande parte dos votos que o MDP/CDE recolhera em 1975 (cerca de 230 000). Subiu também em candidatos eleitos. Mas as subidas do PC não foram nem podiam ser de molde a convencer a sua namorada social-democrata, que se sente muito requisitada à direita e à esquerda, mas que se encontra numa situação difícil.

Por mais que o PC chore ou bata o pé, não parece que o casamento com o PS se venha a realizar, pelo menos por agora. E se os candidatos do PC não servem para negociar o Poder, então para que servem?

E assim se vai desenhando claramente uma crise governamental. E não só.

Não referindo já aqui a demente «candidatura operária» do senhor Arnaldo Matos, e as ridículas e provocatórias candidaturas AOC/PCP (m-l), é de salientar as candidaturas da FSP, MES e UDP.

Estas organizações fizeram uma campanha recuada para recolher muitos votos e eleger alguns candidatos. Mas a FSP perde cerca de 24000 (o

que corresponde a uma descida de mais de 35 por cento) e o MES perde cerca de 27000 votos (o que corresponde a uma queda de mais de 54 por cento). **E nada de candidatos eleitos!**

As consequências destas eleições terão, com certeza, consequências perniciosas a nível de militantes e organizações de esquerda. No que respeita à UDP, os resultados não foram tão desastrosos pois reuniu sensivelmente o mesmo número de votos que havia obtido o ano passado em conjunto com o PUP e a FEC, agora nela integradas. Contudo, para o tipo de candidatura levada a cabo, com a pretensão e a previsão de ter muitos votos e eleger vários candidatos, pode dizer-se que o desfecho não foi brilhante. Por este andamento, a «Revolução Democrática e Popular» ainda vem muito longe!

01.º DE MAIO

Aproxima-se o 1.º de Maio e, nas condições concretas que vivemos, esta jornada não pode reduzir-se a algumas provas desportivas, a uma festa com alguns discursos repetitivos que não apontam uma saída revolucionária para a actual situação.

O 1.º de Maio terá de ser um grande dia de luta operária e revolucionária nas ruas deste País. O 1.º de Maio de 1976 tem de ser um importante marco no sentido da resolução positiva da crise que se vive em Portugal. Há que mobilizar e organizar as grandes massas exploradas e oprimidas que disseram não às eleições burguesas (a maior parte daquele 1 300 000 eleitores que se abstiveram, votaram nulo ou branco).

Há que trazer para uma perspectiva revolucionária as muitas centenas de milhar de camaradas que votaram à esquerda (mesmo que os homens em que votaram não sejam de esquerda), e que estavam convencidos que com esse acto estavam a barrar o caminho ao fascismo e a preparar o advento da sociedade socialista.

Há que retirar das ilusões, das frustrações, do abatimento e da desmobilização muitos camaradas que para aí foram atirados pelas sereias do eleitoralismo.



Também Kauza notou. Também o «Teixeira do MDLP foi presidente de uma mesa de voto na Póvoa do Varzim. E até no Barreiro houve mesas com escrutinadores do CDS propostos pelo PS... Quantos Kauzas, quantos Teixeiras! Interessam-nos a vontade do proletariado consciente e não a dos fascistas refinados

A fome, a miséria, a repressão e o fascismo avançam a passos largos e é necessária uma alternativa revolucionária para mobilizar e organizar de imediato centenas de milhar ou milhares dos explorados deste País. Não basta analisar e compreender a situação que se vive. É necessário transformar positivamente essa situação. Para tal, é preciso ter imaginação, audácia e a firme determinação de levar para a frente um projecto revolucionário que seja capaz de abrir o caminho da libertação definitiva do povo trabalhador e de todas as forças progressistas.

É preciso estar possuído de um espírito revolucionário que, sem quebra dos princípios fundamentais, seja capaz de ultrapassar as divisões e os sectarismos partidários. É preciso conseguir colocar os interesses de classe do proletariado e a Revolução Socialista acima de quaisquer outros interesses.

Mas não tenhamos ilusões. A nossa guerra não será fácil. É uma guerra de classes com interesses antagónicos. Para além do inimigo principal e declarado, o fascismo e o capitalismo, há, mesmo gravemente infiltrados no seio das classes trabalhadoras certas mentalidades e aparelhos que oferecerão uma terrível resistência ao que é novo e revolucionário, pois a revolução representará para eles a perda de numerosos privilégios e, em muitos casos, a sua própria destruição.

O 1.º de Maio de 1976 tem de ser aproveitado em toda a parte, particularmente nas fábricas e nos campos, para relançar a ofensiva de classe contra o fascismo e o capitalismo, para juntar forças e organizações no sentido do desenvolvimento das condições que permitirão derrotar o poder burguês construir a nova ordem — a ordem proletária.

A ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA

Num momento em que muitos jogaram nas eleições burguesas, em que nada ficou resolvido com elas; num momento em que a desmoralização e o desânimo gerados pelas ilusões eleitoralistas podem ser fatais para uma solução positiva para a crise, de nada resolve o lamento, o ficar na expectativa por parte das forças de esquerda. Pelo contrário, é indispensável que os revolucionários se saibam assumir como vanguarda, encontrando, propondo e levando à prática a única saída revolucionária para a situação actual. É preciso que, de Norte a Sul do País, se desenvolvam as condições para mobilizar e unir os trabalhadores no sentido dessa saída revolucionária.

Um poderoso factor de mobilização e unidade das classes exploradas para a luta por essa saída revolucionária poderá ser uma candidatura de esquerda em torno de um programa revolucionário — o Programa do Copcon.

Neste País e neste momento é perfeitamente claro o que representa este Programa. Para centenas de milhar, para milhões de explorados e oprimidos, o Programa do Copcon e um candidato militar (como por exemplo Otelo Saraiva de Carvalho) que se comprometa à aplicação desse Programa, poderão ser a bandeira de luta das próximas semanas, poderão desencadear um processo irreversível no sentido da Revolução Socialista, com a tomada do poder pelos trabalhadores.

Parece-nos que o 1.º de Maio deve ser a ocasião oportuna para o lançamento dessa candidatura e desse Programa.

É preciso criar por toda a parte Comissões ou Comitês para apoio a este Programa e a esta candidatura. É preciso, por toda a parte, desenvolver as condições para uma grande mobilização das classes trabalhadoras em torno desta alternativa revolucionária.

ANALISE DOS PARTIDOS

A análise que aqui se faz às votações obtidas pelas principais organizações políticas concorrentes às eleições resulta da interpretação empírica dos dados conhecidos na tarde do passado dia 27.

O que se pretende não é uma análise exaustiva e pormenorizada, mas tão somente realçar algumas das principais linhas de força expressas no decorrer do referido acto eleitoral.

Para uma visão e interpretação mais global, remetemos os camaradas leitores para os restantes artigos e mapas que tratam este tema.

UDP: APENAS UM DEPUTADO

Contrariamente à expectativa e esforços desenvolvidos pelos militantes da UDP, esta organização teve sensivelmente o mesmo número de votos que há um ano tiveram as três organizações que se reivindicavam da democracia popular (UDP, FEC e PUP). Assim, a UDP alcançou apenas mais 1026 votos que as referidas 3 organizações, há um ano.

Como reconheceu Afonso Dias, «há camaradas da UDP que estavam na expectativa de resultados melhores».

Por outro lado, é significativo que no Porto, Castelo Branco, Leiria e Viana do Castelo, a UDP tenha alcançado menos votos do que há um ano as três organizações da Democracia Popular (respectivamente menos 2809, 1141, 232 e 395).

Pensamos que o carácter reformista e eleitoralista da campanha eleitoral da UDP, fez com que se perdessem votos possíveis, quer para o PC, quer por bstenção, voto nulo ou em branco.

De sublinhar que, não tendo feito se que «só não se verificou uma votação mais expressiva porque a cam-

panha da chamada «maioria de esquerda» produziu os seus resultados».

MES: O ELEITORALISMO NÃO COM-PENSA

Para quem se dizia «o Partido da Esquerda Revolucionária» e afirmava ser «a candidatura do Foder Popular», é estranho ter menos 26.702 votos que há um ano (46,3 por cento dos votos de há um ano)!

Assim, o MES perdeu 5779 votos em Lisboa, 6011 no Porto, 2437 em Castelo Branco, 1669 em Leiria, 1308 em Viana do Castelo e 1163 em Beja.

De sublinhar que, não tendo feito unidade com o PRP por querer ir às urnas, o MES vê agora a fraqueza das suas votações, a qual está bem patente em zonas operárias.

FSP

A nível nacional, a FSP teve menos 24319 votos do que há um ano.

Deste modo, perdeu 9070 votos em Lisboa, 4009 em Santarém, 3155 em Setúbal, 2181 no Porto, 1791 em Castelo Branco e 1042 em Viana do Castelo.

Todavia, enquanto que o MES perdeu 46,3 por cento dos votos, a FSP

desceu apenas 27 por cento, tudo isto em relação ao total dos votos tidos no ano passado.

Apesar da indefinição programática e da figura carismática de Manuel Serra (com o apelo aos católicos antifascistas) nem por isso a FSP conseguiu manter a sua votação.

PCP: A ILUSÃO DO AUMENTO

O aumento de votos no PC é ilusório.

O MDP/CDE aconselhou o voto no PC. Se se adicionassem as votações que ambos tiveram no ano passado (709639 mais 233 362) vemos que se perderam 159760 votos, isto é, 2,2 por cento do obtido pelo PC e MDP há um ano.

Mau grado o esforço eleitoralista da campanha para a «maioria de esquerda», a verdade é que o PC não conseguiu polarizar todo o eleitorado do MDP nem tão pouco fazer vingar na classe operária as suas intenções reformistas.

Enquanto que, nos distritos do Norte, o PC se queda pelos 2 ou 3 por cento, verifica-se no distrito de Santarém uma diminuição sensível.

PS: DO TRIUNFALISMO À CORDA BAMBÁ

Para o PS, esta vitória tem um certo sabor a derrota.

Com efeito, os dirigentes do PS esperavam ter uma maioria parlamentar que lhes permitisse governar sozinho.

A título de exemplo, referimos que, em Portalegre, houve uma quebra de 10,5 por cento, 9,6 por cento em Santarém, 8 por cento em Lisboa, 6 por cento em Setúbal e Castelo Branco e 3,4 por cento em Beja.

É um facto incontestável que o PS perdeu muitos votos para o CDS, o que é patente nos distritos em que este partido aumentou a sua votação consideravelmente. (Bragança, Vila Real, Viseu, Castelo Branco, Santarém etc.).

Finalmente, o PS viu diminuída a sua implantação nas zonas operárias.

PPD:

Tal como no PS verifica-se uma quebra nos votos. No entanto, este partido não tem qualquer aumento significativo em nenhum dos 18 distritos.

Beneficiando também de uma larga franja de retornados, o PPD perdeu, todavia, votos em favor do CDS, sobretudo no Norte do país.

CDS: O VOTO DO FASCISMO

É este o partido que mais garantias dá à burguesia e ao capitalismo internacional.

O seu aumento (8,3 por cento) não espanta ninguém e enquadra-se na viragem à direita e no aumento de repressão que se exerce sobre o povo.

Como é natural, e até pelo domínio terrorista que exerce, o CDS aumentou a votação nos seguintes distritos, 14,7 em Bragança, 13,8 em Viseu, 11 em Aveiro e Vila Real, 10 em Portalegre, 9,5 em Santarém (Rio Maior...), 8,9 em Viana do Castelo.

Também em Leiria (13 por cento) e Lisboa (9 por cento) houve um considerável aumento.

É evidente que para além dos retornados, muitos destes votos vêm de camadas da pequena burguesia e de camponeses pobres que nada têm beneficiado com a situação política ou que se encontram na completa dependência política e social dos caciques locais.

MENSAGEM DO PRP AO POVO CUBANO

Neste momento em que Cuba sofreu em Portugal um ataque directo da reacção, o PRP manifesta a sua indignação por este acto e apela para que os trabalhadores portugueses encontrem formas de combater os assassinos.

A bomba colocada na Embaixada de Cuba vem na continuação do clima de calúnia criado pela reacção à volta dos cubanos, pois a direita está ferida de morte pelas demonstrações de verdadeiro internacionalismo prestadas em Angola pelo povo de Cuba (pelo P.C. Cubano) e pelo Governo de Cuba.

Engloba-se também numa onda de terror de carácter assassino que a burguesia portuguesa, sob a direcção do imperialismo, se dispõe a levar a cabo, para amedrontar as forças revolucionárias e para que a direita apareça como a salvadora e a dona da ordem.

Entretanto, o actual poder comporta-se como cúmplice dos movimentos terroristas de direita, pois que é bem visível que nada faz para os detectar e impedir.

Cuba é para os revolucionários portugueses um exemplo de heroísmo de dum povo trabalhador que luta sem tréguas contra o monstro imperialista. Cuba é um exemplo de internacionalismo. E por tudo isso que o imperialismo escolhe exactamente a Embaixada de Cuba para alvo dos seus ataques.

Nesta hora que é de luto para todos nós, o PRP envia aos companheiros da Embaixada de Cuba em Lisboa, ao P.C. cubano, ao Governo cubano, ao povo cubano e às famílias das vítimas, a expressão da nossa indignação pelo acto de terror da direita e afirma a nossa disposição de travarmos aqui um combate contra o imperialismo, que seja uma forma de continuar a luta dos que morrem até que o imperialismo seja banido da face da terra.

Secretariado do PRP

ATACAR CUBA ATACAR A REVOLUÇÃO

A bomba posta no patamar das instalações da Embaixada de Cuba, foi uma bomba de material explosivo accionado por mecha, o que se conclui pelo fumo e pelo cheiro que, durante alguns minutos foram detectados, e que possibilitaram o salvamento de várias vidas. O facto dos assassinos não usarem bomba-relógio, mais arriscada na manipulação, confirma que os homens que as põem são mercenários, que não estão dispostos a arriscar muito.

Por outro lado, o comunicado do tal MAP que reivindica a acção é apenas uma manobra de diversão para retirar responsabilidades ao ELP e ao MDLP, que são os efectivos autores do atentado. E os protestos do CDS e do PPD são lágrimas de crocodilo; com uma mão põem a bomba, com a outra escrevem o protesto.

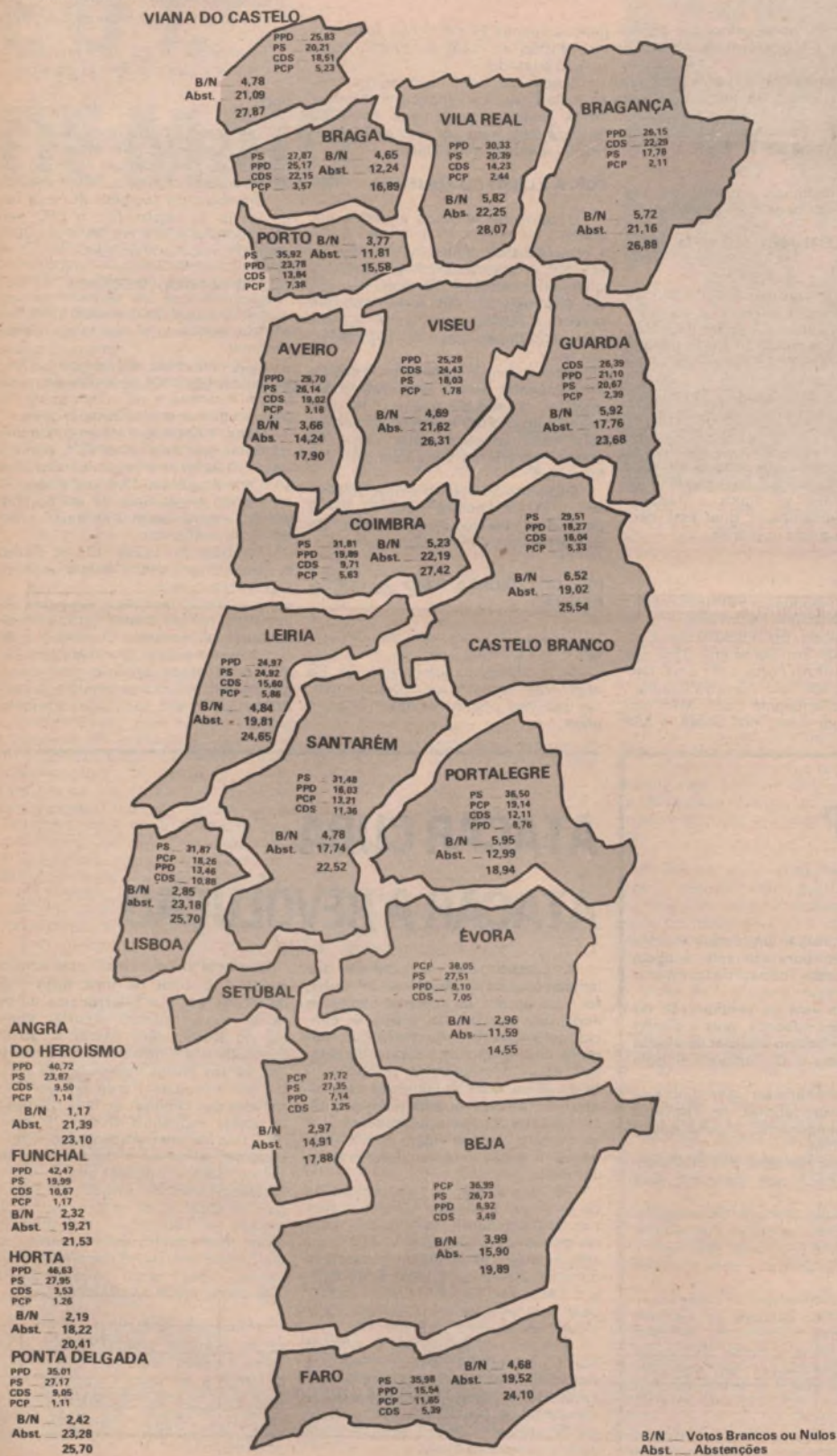
Menos habilidosos são a AOC, o PCP (m-l) e o MRPP que se comportaram como verdadeiros provocadores, atribuindo a bomba ou a «verdadeiros anti-social-imperialistas» (os heróis!) ou à esquerda. Que é que se pode dizer destes bandalhos?

Que uma coisa é certa: este acto de morte é o sinal de uma nova fase da direita, em que o terrorismo deixará de querer apenas assustar como fez no Norte, para passar a matar. E escolheu a Embaixada de Cuba (e não as dos países socialistas da Europa, por exemplo) pela posição inequívoca dos cubanos ao lado de Angola. Neste momento vive-se de novo uma fase de internacionalismo revolucionário, tal como a do princípio do século, onde é possível que as forças revolucionárias de Angola, de Portugal, de Cuba e de outros países se juntem, se somem, se multipliquem, numa forma muito mais poderosa do que a dos grupos revolucionários dos vários países, nessa outra época. E isso dói de morte ao imperialismo.

Entretanto os ELPs vivem à vontade em Portugal. Walraff fez-nos, a semana passada, mais revelações sobre o MDLP e os seus cúmplices. Nem uma letra na imprensa diária para comentar tal facto! Até onde é que vai a cumplicidade, pelo menos com os cúmplices?

OS RESULTADOS ELEITORAIS PELAS NOSSAS CONTAS

NOTA: os números apresentados são dados em percentagem com base em cálculos nossos, feitos sobre o número total de eleitores e não sobre o número total de votantes.



Para quem são estes votos, de quem já passou muitos anos de eleitoral

PARTIDOS	N.º VOTANTES
PS	1 881 124
PPD	1 292 194
CDS	855 796
PCP	783 241
UDP	91 064
FSP	41 842
MRPP	35 794
MES	30 984
PPM	28 066
PDC	28 055

B/N _ Votos Brancos ou Nulos
Abst. _ Abstenções

CONCLUSÕES



Forte abstenção. Iguamentalmente distribuída pelos vários distritos 1.081.416 abstenções. Percentagem 16,74 % em relação aos eleitores.

Forte percentagem de votos nulos e brancos. Percentagem de 3,97 em relação aos eleitores. Percentagem 4,79 em relação aos votantes.

Descida em números absolutos dos votos do PS e do PPD em relação a 75.

PS — 258.212
PPD — 198.143
Subida em números absolutos dos votos do PC e do CDS em relação a 75.

PC + 75.981
CDS + 425.630
A subida de votos do PC é, no entanto, mais pequena do que os votos do MDP/CDE em 75, isto é, há uma descida dos votos do PC em relação à soma PC-MDP/CDE de 75.

PC 1975 709.639
MDP 233.362
Soma 943.001
PC 1976 785.620
Perda de votos 157.381

Subida da UDP
De 44.546 em 1975
Para 91.064 em 1976

Os votos da UDP são, no entanto, muito inferiores à expectativa, sobretudo se pensarmos que a FEC e o PUP se integraram na UDP em 1976.

Descida do MES e da FSP de 1975 para 1976.

MES de 57.682 para 30.984.
FSP de 66.161 para 842

Sendo a soma de votos do PPD e do CDS superior em 1976 à soma de 1975, conclui-se que a direita não perdeu votos. Donde se pode concluir que as abstenções ou votos nulos, na maior parte dos distritos se fizeram à custa de votos que em 1975 tinham ido para o PS, para o MDP, para a FSP e para o MES e em alguns distritos para o PC. Leva-nos a concluir mais uma vez que **abstenções e votos nulos e brancos são de esquerda e não de direita.**

	1975	1976	DIFERENÇA
INSCRITOS	6.176.559	6.460.201	+ 283.642
VOTANTES	5.665.707	5.378.785	- 286.922
BRANCOS E NULOS	393.164	257.552	- 135.612
ABSTENÇÕES	510.852	1.081.416	+ 570.564
PS	2.145.392	1.881.124	- 264.268
PPD	1.494.575	1.292.194	- 202.381
CDS	433.153	855.796	+ 422.643
PCP	709.639	783.241	+ 73.602
UDP	44.546	91.064	+ 46.518
FSP	66.161	41.842	- 24.319
MES	57.682	30.984	- 3.743
PPM	31.809	28.066	- 26.698
LCI	10.732	16.186	+ 5.454
FEC (m-l)	32.508		
PUP	12.984		
MDP/CDE	233.362		
MRPP		35.794	
PDC		28.055	
PCP (m-l)		15.711	
AOC		15.630	
PRT		5.144	

pressão, mas para quem é difícil distinguir dentro da confusão

% SOBRE N.º ELEITORES («REVOLUÇÃO»)	% SOBRE N.º VOTANTES (OFICIAL)	PARTIDOS	N.º VOTANTES	% SOBRE N.º ELEITORES («REVOLUÇÃO»)	% SOBRE N.º VOTANTES (OFICIAL)
29,13	34,97	LCI	16 186	0,25	0,30
20,00	24,02	PCP (m-l)	15 711	0,24	0,29
13,25	15,91	AOC	15 630	0,24	0,29
12,13	14,56	PRT	5 144	0,08	0,10
1,41	1,69	Total votantes	5 121 233	79,29	95,21
0,65	0,78	Nulos	213 159	3,29	3,96
0,56	0,67	Branco	44 393	0,68	0,83
0,48	0,58	Abstenções	1 081 416	16,64	
0,44	0,52	Total eleitores	6 460 201	100,00	100,00
0,43	0,52				

nas fábricas

Luta dos Trabalhadores

Antes, durante e depois da campanha eleitoral, os trabalhadores lutaram com a mesma força, com a mesma consciência de classe, ultrapassando em grande parte dos casos o controlo partidário, a guerra eleitoral e todas as condições que foram criadas para a desmobilização da classe. Viu-se bem, quer pela prática, quer pela percentagem de abstenções, votos nulos e brancos o que grande quantidade de trabalhadores pensa das eleições. E viu-se também que não é pelo resultado eleitoral (direita e reformismo no poder) que os trabalhadores vão recuar. Agora, mais do que nunca, os trabalhadores estão conscientes do que se joga.

Passamos a seguir um apanhado de parte das lutas a nível nacional que se têm verificado nos últimos dias.

SOPLACAS Lda — Fábrica que se dedica à produção de materiais pre-fabricados em betão e mármore, directamente ligada à construção civil, encontra-se neste momento ameaçada de encerramento com despedimento de todos os trabalhadores devido à tentativa de boicote por parte da administração. Os trabalhadores já se pronunciaram. Não permitirão o encerramento da fábrica.

TEXTIL CORONADO — Continuam suspensas 37 operárias.

MESSA — Pesa neste momento a ameaça de despedimento de 900 trabalhadores (cerca de 50 por cento do número total).

Os trabalhadores atribuem a ameaça de despedimento à Secretaria de Estado dos Investimentos Públicos. perante esta ameaça os trabalhadores propõem-se pressionar as entidades governamentais e, como em todos os outros locais de trabalho, estão dispostos a não vergar até à última consequência.

CHAPELEIROS — Cerca de 30 fábricas em S. João da Madeira, prosseguem uma greve por aumentos salariais, perante a atitude intransigente das entidades patronais.

AGENTES NAVEGAÇÃO — Os trabalhadores ameaçam uma greve progressiva, a partir do dia 3 de Maio, culminando com greve total a 7 de Maio, com o fim de obrigar as associações dos agentes transitários e de tráfego a negociar, coisa que estes se têm recusado a fazer.

AJUDANTES DE FARMÁCIA — Prossegue a luta pela assinatura do ACT que se vem arrastando de há meses. Perante a tentativa de criação de impasse por parte das entidades patronais, os trabalhadores estão dispostos a entrar novamente em greve por 3 dias consecutivos.

CASA HIPÓLITO — Os trabalhadores da Casa Hipólito de Torres Vedras estão em greve por não concordarem com as propostas de aumentos salariais feitas pela administração. Os trabalhadores pretendem que seja aplicada a portaria dos metalúrgicos. Há grandes possibilidades de esta ser uma greve vitoriosa para os trabalhadores...

RENDEIROS DE ALENQUER — Um grupo de rendeiros de Olhalvo (Alenquer, depois de expulsos pelo seu ex-senhório, organizam-se em cooperativa como resposta ao avanço da direita. Da organização no campo muito depende o conseguir-se ou não, ultrapassar o reformismo...

BENAVENTE — 22 famílias em Benavente, conseguiram uma herdade com área de perto de 50 hectares, nacionalizada, apesar da oposição do rendeiro e de todas as barreiras burocráticas que se lhes depararam.

PORTALEGRE — Elementos, ao que parece afectos ao ELP, assassinarão, há dias, um operário agrícola, pertencente a uma unidade colectiva. Entretanto, outros trabalhadores recebem constantemente ameaças de morte, não tendo por isso recusado, mantendo-se na herdade dispostos a tudo para manter as suas conquistas.

PRISS PORTUGUESA Lda. — Multinacional em Gaia, onde a entidade patronal decidiu, há poucos dias, diminuir a laboração a dois dias por semana. Ultimamente, a entidade patronal avançou, despedindo uma operária que se tem distinguido na luta da fábrica. Perante tudo isto, a imprensa burguesa fala na actuação do Ministério do Trabalho e da entidade patronal, ignorando pura e simplesmente a organização dos trabalhadores que, conforme a sua consciência de classe, não se deixará facilmente amedrontar perante o avanço da entidade patronal.

NERGAL (ALGARVE)

Contra a ofensiva do patronato

Por todo o lado o fascismo e o capital mostram as suas garras na intenção clara (quando não é mesmo para matar) de meter medo aos trabalhadores.

Também no Algarve, como não podia deixar de ser, os trabalhadores são vítimas da arbitrariedade e exploração de fascistas e carneiros.

Ao sabermos de mais uma luta desencadeada pela classe contra a ofensiva do patronato reaccionário — esta na fábrica de tijolos NERGAL, em Loulé — camaradas nossos estiveram no local e ouviram os trabalhadores.

Revolução — Como surgiu a vossa luta e quais as formas de organização que adoptaram?

1.º Trabalhador — A nossa luta teve início em Abril de 75, altura em que a entidade patronal reagiu despedindo, indiscriminadamente, vários camaradas de trabalho. É claro, que o patrão jogava na nossa própria desorganização e, vendo isto, alguns camaradas mais decididos convocaram imediatamente um plenário onde se viria a discutir formas de luta e encetar contra estas e possíveis outras medidas anti-democráticas e anti-operárias, por parte do patronato. A tentativa de despedimento dos camaradas dissemos não! Simultaneamente, elegu-se a C.T. composta por 3 elementos e que passaria a ser formada, mais tarde, por 5.

2.º Trabalhador — Além disto há, ainda, fortes suspeitas de sabotagem económica e de ter havido, também, passagens marcadas para o Brasil. No entanto, a receita bruta mensal da fábrica até essa data, Abril de 75, era cerca de 800 contos e, passou depois a ser, e ainda é, 1300 contos em média.

Revolução — Isso significa que o patrão passou a ter lucros mais elevados?

Trabalhador — Exactamente! O nível de produção não baixou, pelo contrário, e mesmo se o custo da matéria-prima aumentou assim como outros materiais, os nossos ordenados em nada foram alterados. Continuamos com os mesmos salários de miséria, sem o mínimo de condições de trabalho, de higiene, segurança, etc...

1.º Trabalhador — Vê tu, camarada, o aumento que o custo de vida sofreu e este maldito fascista recusou-se, inclusivê, a discutir uma proposta de aumento salarial, que lhe apresen-

támos, assim como a cumprir a contração colectiva, em relação aos motoristas. Não era de dar fogo a um vampiro destes?

Revolução — E que fizeram vocês para o obrigar...

Trabalhadores — Obrigar!... Só encontrando esse cobarde à parede! Vê-jam lá que, até já nos ameaçou de pistola em punho!

1.º Trabalhador — Como acabam os camaradas de referir, vê tu que temos sido objecto das mais variadas humilhações o que nos levou, também a ganhar mais consciência. Ainda recentemente, e porque a situação para nós se ia degradando cada vez mais, resolvemos juntar para uma reunião em local escolhido, a maioria dos trabalhadores (os mais combativos) e decidir as formas de passar de novo à ofensiva. Decidiu-se entrar em greve de zelo, com paralização de uma hora, logo no primeiro dia.

2.º Trabalhador — Mas, como tu sabes, também, o capital consegue sempre introduzir (isto quando não existe a verdadeira unidade de base, à volta dos problemas concretos) no seio dos trabalhadores, os seus cães de guarda (lacaíes) que mais não fazem que entravar os processos de luta, semear o divisionismo, defender os interesses do patrão (para isso este lhes paga), etc...

O que levou, embora a nossa luta dimanasse já de uma frente mais ampla, mais coesa e mais combativa, a manter, durante os períodos da paralização, a fábrica em laboração normal.

3.º Trabalhador — Tínhamos também um ponto, no caderno reivindicativo que apresentamos e que, à partida, estiveram todos de acordo que era o de não mais se carregar camionetas de tijolos depois do horário normal de trabalho (8 horas), o que acon-

tece é que há sempre, um ou outro lambe-botas para o fazer, o que traz, evidentemente, um certo enfraquecimento à nossa luta.

Outro aspecto, são as regalias que uns têm e outros não. Por exemplo: No bairro onde habitamos e que é da fábrica, o patrão tem mandado construir garagens, mas só para os seus lacaíes, ora tudo isto se reflecte ao nível das nossas lutas, cria uma certa desunião entre nós, que só favorece o patrão.

Revolução — Como reagiu o patrão face à vossa entrada em greve de zelo. Digam também se têm utilizado alguns meios de divulgação da vossa luta e se houve tentativa de boicote por parte do patrão ou intervenção repressiva da autoridade.

1.º Trabalhador — Sim! Um dos patrões — im, há mais de um ano que não o viamos — numa segunda-feira de manhã, apareceu na fábrica dizendo que nos matava a todos e até trazia no carro duas caçadeiras.

Apareceu também a G.N.R. que logo proibiu dois camaradas (o electricista e o operador de máquinas) de tomarem os seus lugares normais de trabalho, os quais, neste momento, se encontram suspensos.

Trabalhadores — E mais, ele é primo do Caniné, 2.º Comandante do R.I.F., o que quer dizer muito.

Temos feito vários comunicados que têm sido lidos na emissora regional de Faro e distribuídos em vários outros locais de trabalho, não só denunciando as manobras reaccionárias e fascistas do patronato, como apelando para a solidariedade de outros trabalhadores.

2.º Trabalhador — O que temos que fazer é unirmo-nos e organizarmo-nos no próprio terreno da luta de uma forma coordenada, e aí combater as forças que nos oprimem e exploram.

Temos que estar preparados, porque eles, quando vêm, trazem armas na mão e, para isso, nós temos que estar também armados... Não é com eleições! É com organização e criação de destacamentos armados, de vanguarda, de mobilizações revolucionárias de massas, de uma forte agitação política, de um combate sem tréguas à burguesia e que passará, inevitavelmente, pela tomada violenta do Poder, pela insurreição armada, pela Revolução Socialista, a caminho da sociedade sem explorados nem exploradores, a caminho do comunismo. Só assim...

Organização local de Loulé do PRP.

Lionesa

3.ª semana de greve

Após uma importante luta logo a seguir ao 25 de Abril, em que os operários da fábrica têxtil «Lionesa» expulsaram um lacaio da administração, Martins Machado, mais uma manobra do patronato reaccionário leva os operários desta fábrica têxtil a empreender uma luta na defesa dos seus interesses, para impedirem a «recuperação de pantufas» dos métodos de exploração capitalista.

Em 30 de Março, a administração da empresa transferiu de sector uma operária, que se tinha mostrado muito firme em diversas lutas na empresa. Os seus camaradas de trabalho, verificando a ilegalidade de tal ordem, exigiram que a operária fosse reintegrada no seu local de trabalho, ao que a administração se opôs. A Comissão

sindical convocou, então, um plenário onde ficou decidido a imediata entrada em greve.

Uma semana depois de iniciada a greve e perante a intransigência da administração, os operários retêm 4 dos 8 administradores mas tendo o cuidado de não reter aqueles que tinham problemas de saúde. Por volta da 1 da manhã é apenas na presença de 70 operários, surgiu uma força da GNR para soltar os administradores retidos, armados de G-3, Mauser e sabres, cerca de 40 «GNRs», acabam, no meio de apupos dos operários, por retirar os administradores.

No dia seguinte, um dos principais agentes do patronato — o advogado da firma — foi retido. À tarde os administradores tiveram igual sorte mas

sem que houvesse intervenção da GNR a qual deu garantias que, no dia seguinte, os trabalhadores seriam recebidos pelo Ministério do Trabalho para resolução do problema.

Perante esta garantia, os operários deixaram partir em liberdade o advogado e a administração.

A greve já entrou na 3.ª semana sem que a administração mostre vontade em resolver a situação; o mesmo acontece com o MT do qual o delegado do Norte se acaba de demitir. O sr. Pires Veloso, por sua vez, considera justa a proposta que visa a transferência da operária, o não pagamento de um único dia de greve, consolidando assim a posição do patronato.

Os operários apercebem-se que a

TOME FETEIRA

A GNR CARREGA SOBRE OS TRABALHADORES

Os operários da fábrica de limas Tomé Feteira, em Vieira de Leiria Marinha Grande, voltaram a ser alvo da repressão. Já antes do 25 de Abril, aqueles trabalhadores em luta por melhores condições de vida, foram atacados pela Pide e pela Polícia de Choque.

Agora, passados que são dois anos sobre o 25 de Abril e nas vésperas das eleições, o poder atacou, de novo, os operários.

Isto porque eles estão em luta contra o capital, porque exigem o cumprimento de um acordo já efectuado e ao qual têm todo o direito.

Outra questão que se põe aos operários da Tomé Feteira, é a da resposta à violência reaccionária. A organização com vista à sua defesa, naquele momento foi impossível discuti-la, mas agora tornar-se-á um dos pontos fundamentais. E os operários da Tomé Feteira estão dispostos a isso, tal como um elemento da Comissão de Trabalhadores nos disse «o povo de Vieira não tem medo da porrada e está com os operários da Tomé Feteira, logo nós não temos medo da porrada...». E, mais adiante: «a resistência neste caso não levava a muito, apenas a algumas centenas de mortes mas, se isto de generalizasse, já era diferente...».

O passado da Marinha Grande é bem conhecido. A insurreição do 18 de Janeiro de 1934 aconteceu e os operários estão dispostos a pegar em armas, mas isso não poderá suceder só ali. Terá que ser um movimento alastrado a todo o país e, aí sim, será a insurreição de todo um povo, com o objectivo da tomada do poder.

O «Revolução» esteve na Tomé Feteira, com a Comissão de Trabalhadores que nos descreveu todo o proces-

so de luta e como a GNR carregou sobre os trabalhadores.

AS FINTAS DA ADMINISTRAÇÃO

Revolução — Qual o vosso objectivo e o que fizeram para o obter?

Comissão de Trabalhadores — Tudo começou porque nós exigíamos o cumprimento da portaria dos metalúrgicos. Tivemos várias conversações com a administração. Fizemos-lhes uma proposta na qual eles cumpriam a portaria no primeiro mês, para se vincularem a ela e, no segundo mês, ver-se-ia quais eram as possibilidades financeiras da empresa. Claro que, para esta hipótese, estávamos a contar com a reestruturação da empresa, com o auxílio do Ministério do Comércio Externo e ainda com o aumento do produto no mercado nacional. Tudo isto deveria dar para nos pagarem o que está estabelecido. Se não chegasse, pagar-se-ia, conforme se fosse podendo.

Isto foi aceite por um administrador de imediato, e por um outro, mas que acabou por se recusar a assinar a acta.

Um deles (o pai dos Ferreira) dantes tinha dito que aceitava tudo a partir de Fevereiro, mas em Dezembro demitiu-se de administrador.

Como as conversações não davam nada, avançamos para uma baixa de produtividade e, como isto não resultou, passámos à greve, em 2 de Março, que viria a durar cerca de dois meses.

MAIS UMA VEZ MINISTÉRIOS

Revolução — E os Ministérios, qual é o papel deles?

CT — Estivemos no Ministério do Trabalho, os 600 trabalhadores da empresa. Não fomos recebidos por nenhum responsável. Mandaram-nos com um despacho do secretário de Estado, que previa a base nona da portaria, na qual ficávamos sujeitos a uma peritagem à empresa, feita por elementos do Governo e do sindicato e, segundo a qual, se faria uma tabela salarial especial.

Este mesmo despacho acaba por ser anulado pelo secretário de Estado e envia officios ao Ministério da Indústria a solicitar o cumprimento da portaria e a intervenção do Estado. A partir daí, naquele Ministério, uns



GNR, um pilar da burguesia. Até quando vamos consentir que estes homens, vindos do seio dos trabalhadores, sejam cães de guarda dos patrões

passam a dizer que a intervenção do Estado está para breve, outros dizem que não virá, outros dizem que demorará.

Enfim, um processo para arrastar a greve, o que, quanto a nós, teria em vista a desmobilização dos trabalhadores que, levados pela fome, acabariam por ceder. Mas enganaram-se.

OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Revolução — O que é que os levou a prender o administrador?

CT — Estava marcada uma reunião no Ministério da Indústria, com a presença do advogado dos trabalhadores e o da entidade patronal, para verem se havia base legal para a aceitação da proposta dos trabalhadores. Chegaram à conclusão que sim. Entretanto, a administração recusa-se, mais uma vez, a assinar.

Os trabalhadores que, na fábrica, pensavam que tudo estava resolvido e que iam voltar ao trabalho, quando chegaram e os pusámos ao corrente do que se tinha passado, revoltados resolveram ir ter com o administrador que estava nos escritórios da serração, também dos Feteira.

Ele tentou fugir mas não conseguiu. Fechou-se numa casa de banho e aí esteve durante 6 horas. Ocupámos os escritórios da serração e ele acabou por sair da casa de banho e logo se apressou a dizer que conveniência os filhos a aceitar a nossa proposta.

Cometemos um erro, que foi deixá-lo falar com os filhos. Não sei sobre o que conversaram, mas logo de seguida mudou de opinião. Claro que não saiu da fábrica e esteve lá durante dois dias até que a GNR chegou.

O APARATO BÉLICO

Revolução — Qual foi a actuação da GNR?

CT — Durante aqueles dois dias, apareceu por cá, primeiro a polícia, depois o comandante do RAL4 (Leiria) tentando comandar os trabalhadores a entregar o velho. Nada conseguiram.

Eram 6 horas quando apareceu uma força de cerca de 50 homens e 4 viaturas. Ficámos satisfeitos pois eram poucos e dentro da fábrica estavam cerca de cento e tal trabalhadores. Ainda contávamos com o povo de Vieira, e portanto eles seriam encurralados.

As businas começaram a apitar a chamar o povo de Vieira mas, quando pensávamos que o povo já estavam a chegar para nos ajudar, não era povo nenhum mas sim GNR e mais

viaturas. Mobilizaram cerca de 2000 homens, para nos combater, e cerca de 50 viaturas (auto-metralhadoras). Soubemos, depois, que tinham cerca de toda a zona e por isso o povo não podia chegar. Ainda houve quem conseguisse furar o cordão policial, mas eles logo carregavam sobre esse povo.

Fizeram-nos um ultimatum para entregarmos o velho, mas não o fizemos. Entretanto, eles saltaram os muros e foram buscá-lo e meteram-no num carro blindado como o Marcelo no 25 de Abril. No meio disto, houve muitos confrontos com eles, o que motivou o ferimento de 4 trabalhadores (um deles com uma bala num braço). Ainda os perseguimos durante 3 quilómetros e houve trabalhadores que foram buscar os serrotes eléctricos para cortar os pinheiros e encurralá-los no caminho, mas já não foi possível.

A INTERVENÇÃO DO ESTADO

Revolução — Qual é a situação neste momento?

CT — Hoje voltámos ao trabalho. Houve intervenção do Estado tendo sido já nomeado o representante do Estado. Não temos a garantia do cumprimento da portaria. Vamos aguardar o prazo de 3 dias que nos deram e depois vamos avançar, porque o nosso objectivo é o cumprimento da portaria.

A GNR saiu à noite de Lisboa, numa tentativa de iludir a vigilância dos trabalhadores. Fez sucessivos cercos à volta do local onde estavam sequestrado o Feteira, tentando impedir que o povo de Vieira de Leiria se solidarizasse com os trabalhadores da Feteira.

A GNR, fiel laçao do capitalismo, interveio.

Foram as auto-metralhadoras, as G-3, as bastonadas, as granadas de gases lacrimogéneos (material ultimamente distribuído, como o «Revolução» denunciou) que reprimiram os trabalhadores.

Não foram os soldados que, segundo a opinião dos trabalhadores, o comandante do RAL 4 não conseguiria voltar contra os trabalhadores. Prova mais evidente de que a organização dos trabalhadores e dos soldados não está destruída e de que perder tempo, em relação a esta tarefa, com eleições burguesas, como o fizeram organizações da esquerda revolucionária, é atrasar o trabalho de organização para a conquista do poder pelos trabalhadores, e para a derrota final do fascismo e do capitalismo.

Continuação da pág. 10

administração pretende sabotar a empresa e por isso estão vigilantes pois, já noutras alturas como agora, pretendiam retirar todo o artigo em armazém. Os operários da «Lionesa» não podem aceitar que se continue a jogar com as suas vidas, os seus salários, o seu pão e dos seus filhos, não podem aceitar as condições que lhes querem impôr, porque seria abrir caminho a despedimentos, transferências e intimidações, que aliás a administração já vem ameaçando.

Uma última referência a operários de outros sectores da mesma empresa que se têm mostrado pouco solidários com o sector têxtil: é bom não esquecer que hoje são os têxteis, amanhã serão os serralheiros, as confecções ou mesmo os escritórios. A burguesia não perdoa e os seus processos são os mesmos em toda a parte.

e a actualidade nacional/eleições

POR QUE É QUE VOTOU?

Continuação da pág. 4

Operário da Carris

— Eu só espero que a tal «maioria de esquerda» não deixe outra vez congelar os contratos ou fazer despejos.

Empregado de escritório

— Eu estou aqui por descargo de consciência, mas vou meter um risco de alto a baixo no boletim de voto. Isto já deu o que tinha a dar na Constituinte. Bem se viu o que deu!

Empregado da Câmara

— Olhe eu não acredito em nada disto, mas até lhe digo onde vou votar. É naquele da chave de fendas e da foíce. Não sei o nome dele mas chegou lá e vejo pelo boneco.

SANTA MARIA DE BELÉM

Pintor de automóveis, 32 anos

— Se quer que lhe diga, não sei.

Soldado

— Vim porque tinha que vir. Porquê? Porque estava em meu nome...

Soldado

— Vim proceder como um cidadão português que sou.

Soldado

— Porque sou democrata.

Sargento, 35 anos

— Não se meta nisso que isso faz mal.

Soldado

— O que é que me trouxe às urnas? A mim não me trouxe nada!...

Cobrador da Carris, 32 anos

— É uma obrigação.

Senhora, 50 anos

— Para termos um Portugal melhor

Senhora, 40 anos

— Viemos votar porque os outros vieram votar todos!

ALENTEJO

— Vou votar porque o PCP mandou votar!

— Não sei porque vou votar

— E preciso votar

— Vamos votar para ver se isto se muda, senão não vinhamos cá. Vamos a ver o que é isto dá...

— A gente vai votar, mas se isto não mudar, a gente tem outra maneira de mudar isto. Pensamos nestas duas coisas

— Ou vai assim ou vai mal

— Isto não dura muito tempo. Isto só vai à porrada.

— Vou votar porque agora não há uma alternativa, embora ache que não é com o voto que se chega a uma sociedade socialista.

— Não é com eleições burguesas que se transforma uma sociedade socialista numa em que não haja exploração do homem pelo homem. Nenhum país alcançou o socialismo sem ser pela força das armas e isto é o que eu penso das eleições (mineiro)

— Porque tinha direito de votar. Todos tinhamos direito de votar.

— Penso que interessam aos trabalhadores e que deverá ser para melhor e não para pior.

Os problemas dos trabalhadores têm de ser resolvidos mas não tenha a certeza que o sejam através de eleições (maquinista)

— Acho que o voto não resolve nada e como não tenho nenhuma opinião formada de nenhum partido, não vou votar.

— Acho que é uma fantochada e que só vai a favor da burguesia (canalizador)

— Para mim, isto é uma caça ao voto. Todos os partidos querem é subir ao poleiro e depois quem trabalha é o Zé Povinho, porque eu acho que ainda não nasceu o partido da classe operária e ao fim e ao cabo todos se dizem a vanguarda da mesma (operário de empresa belga)

— Não fiquei satisfeito. Só se pode sair de uma maneira violenta. Não é através dessas eleições.

— O PRP é que teve razão em não ter ido às eleições.

VIANA DO CASTELO

Operário dos estaleiros

— Não votei porque sei que as eleições não resolvem nenhum problema dos trabalhadores. E mais, viu-se quem ganhou a campanha eleitoral. Foi a direita. E nós, trabalhadores é que vamos pagar isso. Ou são os trabalhadores a tomar o Poder pela insurreição armada, ou têm o fascismo por via eleitoral.

ALGÉS

Reformado do campo, 76 anos

— Fui votar porque tinha de ser. Dizem que setemdevotar. Disseram-me.

— Bem, resolver não resolvem. As outras não resolveram nada. Sou do concelho de Bragança. Vivo cá com alguém que me deu cama. Vai-se vivendo. Mal. Isto está bom é para os da política. Falam e engordam. E pronto! Não resolvem nada. Cá para mim não resolvem.

Proprietário de táxi, 43 anos

— Vim votar porque é meu dever.

— Não sei se resolvem alguma coisa. É conforme quem ganhar.

No ano passado não resolveram, foi tudo para pior. Este ano, estou confiante que vão resolver. O povo português já aprendeu que assim não vai lá.

Operário metalúrgico, 31 anos

— Vim votar para que os fascistas não ganhem as eleições.

— As eleições não resolvem nada. Mas é importante os trabalhadores votarem para não dar votos à direita. Mas tem que se lutar muito, depois das eleições se não eles ganham na mesma.

Agora é perder ou ganhar. Tem que se lutar de todas as maneiras e com mais decisão que antes.

Desempregado, 36 anos

— Vim votar para não ficar em casa. Bem, porque dizem que é um dever.

— Não resolvem. Mas ainda tenho uma esperança.

Dona de casa, 47 anos

— Vim votar porque o 25 de Abril fez-se para votar.

— Sei lá se resolvem! Se ganhassem

os comunistas não. Mas não ganham!

Estudante, 19 anos

— Vim votar porque penso que é importante que todos os que querem construir uma sociedade mais justa, votem.

— Não são os eleições que resolvem os problemas, mas podem ajudar se a esquerda ganhar.

SANTO CONDESTÁVEL

Desempregado, 38 anos

— Para ver se isto vai melhor.

— Bem, não sei. O que é preciso é que venha um Governo que nos dê paz e vida melhor para todos nós.

Reformado do campo, 74 anos

— Vim votar porque dizem que é um dever de todos nós.

— Se quer que lhe diga não sei, não quero arriscar a dizer. Vivo da caridade. O meu marido morreu há 8 anos. Descontava para a Caixa, mas, daí, ainda não vi nada.

AJUDA

Mecânico, 28 anos

— Vim votar para ver se a esquerda ganha.

— As eleições podem ajudar a resolver se ganhar a esquerda. E depois é continuar aluta. Ofascismoestáàporta. É preciso desfazê-lo à porrada de uma vez por todas. Claro que não é com conversa nem com votos, mas deixá-los ganhar não, é pior! E depois? Os militares, que muitos são fascistas, dizem que respeitam as eleições e acabam é connosco.

Vendedora ambulante, 40 anos

— Não votei em ninguém.

— São todos iguais, que vão à merda. Temos de lutar, temos de carregar nos fachos. Cá comigo não vão eles bem.

Empregado de Seguros, 36 anos

— Vim votar para ver se as coisas tomamumcaminhodepazeprogresso.

— Penso que vão resolver. Estou confiante. Destas eleições sairá um parlamento escolhido pelo povo português que vai recompor a economia nacional. Estou certo. Não vai ser como no ano passado que ainda não se sabia o que eram os partidos. Este ano, já estamos conscientes para escolher.

Doméstica, 41 anos

— Porque é um dever de cidadão.

— Eles prometem e depois não fazem. Vêm todos com muita conversa e depois vai-se a ver...

RESTELO — S. FRANCISCO XAVIER

Dona de casa, 43 anos

— Vim votar para escolher uns representantes do País que ponham fim ao caos emquevivemoshádoisanos.

— Estou certa que resolvem alguma coisa. É preciso um Governo que governe com ordem e segurança.

Médico, 56 anos

Engenheira, 39 anos

Comerciante, 64 anos

Dona de casa, 28 anos

Estudante, 18 anos

Estudante, 24 anos

Empregado bancário, 34 anos

Etc., etc., etc...

Respostas iguais.

Ordem. Governo que governe.

Segurança. Disciplina.

Nesta freguesia ganhou o CDS.



«No caso de democracia popular» a aliança do PS com o ELP «seria decerto feita» afirma Soares no livro «Portugal — que revolução?» Saberiam os seus 1 881 124 eleitores destas declarações?

O PPD ABRE CRISE NO VI GOVERNO



Contrariamente a Costa Gomes, Pinheiro de Azevedo também defende a remodelação do VI Governo. A crise agrava-se

O PPD em comunicado do dia 28 afirma: «o interesse nacional impõe consequentemente que o PPD — como partido democrático que é — não coloque quaisquer obstáculos a que desde já o partido mais votado possa fazer uma experiência de trabalho em regime semelhante ao que pretende, após as eleições presidenciais, ainda que o PPD discorde de tal orientação».

O PPD faz assim o primeiro grande ataque ao PS, depois das eleições. Afirmando que não põem o problema da demissão imediata dos seus membros no Governo decidiram «colocar os lugares dos seus representantes à disposição do primeiro-ministro» (segundo o «Dia» de 28-4-76).

Já na mesa redonda de 26-4-76 em que participaram Mário Soares, Sá Carneiro, Freitas do Amaral e Filipe Faria (da UDP), a posição de Sá Carneiro indicava para esta decisão, que levantará as seguintes hipóteses: um Governo só PS que, devido à crise económica, em tempo de eleições e sofrendo os ataques pela direita ciosa do Poder e à esquerda pelos traba-

lhadores em luta contra a carestia de vida e pela sua emancipação seria muito prejudicial para um candidato a PR pelo PS; um Governo de aliança PS-PPD-CDS com consequente aliança para um candidato a PR que agrade a toda a burguesia portuguesa, capaz de fazer avançar o processo de fascização; um Governo PS-PC que seria trágico para as bases burguesas e pequenos-burguesas do PS como lhe levantaria graves crises internas.

Segundo o «DN» de 28-4-76, o PS está reunido para deliberar sobre esta questão. Para António Reis (PS) a posição do PPD visa criar «uma certa desestabilização que actue como meio de pressão relativamente à formação do Governo definitivo».

São as contradições internas da burguesia que lançam mão a tudo para conseguirem eleger o PR que lhe de confiança e a consiga unificar.

De notar que, já em 25/4/76, sobre este assunto, Costa Gomes tinha expressado a posição de que o VI Governo se deveria manter, enquanto que Pinheiro de Azevedo não está de acordo com Costa Gomes.

PRIMEIRA APRECIACÃO DO PRP SOBRE AS ELEIÇÕES

Verifica o PRP que a forma como os resultados eleitorais têm sido dados é deturpadora da realidade, escondendo aspectos que nos poderão fazer chegar a conclusões políticas importantes.

É assim, que a percentagem de votação nos partidos aparece sempre em relação aos votantes e não aos eleitores inscritos nos cadernos; donde se deduz que a percentagem de indivíduos com capacidade de voto que escolheram de facto cada partido é sempre menor do que a que nos surge em cada mapa de resultados.

E isto é tanto mais verdade quanto mais de um milhão de eleitores não exerceram o direito de voto, o que, somado aos votos nulos e votos brancos dá esta verdade extremamente importante e que não tem surgido na Imprensa — cerca de um quarto do eleitorado recusou as eleições burguesas o que é o dobro do ano passado.

Frisamos que esse eleitorado que voltou costas às eleições não é constituído por burguesia, porque os burgueses foram todos votar sem hesitações nos seus partidos. Nem tampouco se poderá falar de populações atrasadas, pois distritos como Beja ou Setúbal mostram larga percentagem de abstenções ou voto nulo.

O que esta percentagem demonstra é a oposição dos trabalhadores à democracia burguesa; é o reconhecimento da ineficácia das eleições para resolver os problemas dos explorados; é o protesto de muitos, que tomaram consciência de que o acto eleitoral é sempre uma farsa.

Mas o único partido que foi ao encontro desse sentimento dos trabalhadores, o único que fez campanha activa antieleitoral foi o PRP. E também isso não é citado pela Imprensa. É esta a democracia pluralista. Mas nós colhemos as consequências políticas desses resultados.

No entanto e apesar de um quarto do eleitorado ter boicotado as eleições, os resultados dos votos não são indiferentes nem deixam de ter significado. Perante esses resultados é necessário frisar que a maioria dos que votaram não escolheram o fascismo, não escolheram a direita, diremos mesmo que escolheram a esquerda, porque votar no PS é uma coisa e ser direcção do PS é outra. A maioria votou efectivamente à esquerda, muito embora tivesse elegido homens de direita, como é o caso de deputado do PS.

Mas talvez estas eleições tenham servido de lição aos partidos de esquerda revolucionária que nelas se meteram, numa posição oposta à nossa. Os resultados dessa luta desigual aí estão; a sua insignificância fala por si; nada compensou o eleitoralismo, o recuo e a moderação.

Não é nestas lutas com a burguesia que os revolucionários se têm de empenhar. Chegou a hora de outras escolhas, chegou a hora da organização do confronto com os defensores de privilégios. Confronto esse que não se pode estabelecer na luta por mais espaço de cartazes na parede (o que significa sempre competição financeira) mas que terá que escolher outro campo da luta de classes — o da tomada do poder.

Lisboa, 26.4.76

Pelo Secretariado Político do PRP

E AGORA?

O PROLETARIADO NA HORA

DAS GRANDES ESCOLHAS

(Livro sobre a actual situação a sair no 1.º de Maio)

EDIÇÕES REVOLUÇÃO ABRIL DE 1976

UM OUTRO BALANÇO DA

Por todo o País a campanha eleitoral mostrou duas faces: por um lado, foram as promessas, o eleitoralismo, a divisão dos trabalhadores; por outro, a luta pela unidade dos trabalhadores, pelo reforço do Poder Popular, a campanha anti-eleitoralista dos trabalhadores.

Fazemos aqui um pequeno apanhado de vários confrontos ao longo da campanha eleitoral, em que se mostra a capacidade de luta dos trabalhadores contra o fascismo e de unidade que se estabeleceu mesmo entre militantes de base de vários partidos, nos vários casos concretos.

A burguesia também utilizou processos violentos ao longo da campanha eleitoral, utilizou o terrorismo para amedrontar os trabalhadores.

A violência revolucionária dos trabalhadores foi, assim, não só uma resposta a esta violência fascista, mas também uma resposta às eleições burguesas.

Ao Norte do Douro

Braga (4/4/76) — No final do comício do CDS houve confronto com trabalhadores que se manifestavam contra o fascismo.

Termas de Monfortinho (5/4) — Boicotado por retornados um comício do PS.

Esposende (7/4) — Confronto entre retornados e militantes do PS.

Porto (11/4) — Confronto entre manifestantes de esquerda e grupos armados de matracas do CDS.

Houve manifestação de esquerda no fim do comício do CDS que fez contra-pichagens nas pichagens do CDS.

Caminha (12/4) — Confronto entre 700 a 800 manifestantes de esquerda e 100 adeptos do CDS.

Os elementos do CDS chegaram a exhibir pistolas automáticas e um deles teria usado uma granada de gases lacrimogénios.

Um manifestante chegou a bater no fascista Galvão de Melo.

Baixelos (13/4) — Tentativa de boicote a um comício do PPD. Confronto entre manifestantes de esquerda e forças policiais. No final do comício foi apedrejada a caravana do PPD. Houve vários feridos entre os quais agentes da PSP, um deles graduado.

Joane — Famalicão (13/4) — Confrontos entre CDS que exibiram pistolas e caçadeiras.

Intervenção da GNR contra os manifestantes.

Terras do Bouro — Porto (14/4) — Tentativa de boicote a um comício do PPD, no qual participava Sá Carneiro. Houve intervenção da GNR.

Carraceda — Vila Real (14/4) — foi apedrejada caravana do PS, na qual ia Mário Soares. Segundo elementos do PS os contra-manifestantes estariam ligados ao PPD.

Pevidém — Guimarães (14/4) — segundo um comunicado da AOC foi boicotado o comício pelos «socialistas-fascistas».

Viana do Castelo (14/4) — confronto nas ruas entre manifestantes de esquerda e equipas de colagem do CDS de que resultaram: 4 carros partidos e alguns feridos para o CDS.

— Recontro entre manifestantes de esquerda e forças de repressão (a maior parte Polícia de Choque do Porto) que protegiam comício do PPD. Os manifestantes não conseguiram boicotar o comício. Na altura em que iria falar Sá Carneiro houve falta de luz na cidade durante 15 minutos.

Joane (14/4) — no rescaldo dos confrontos da véspera, entre manifestantes de esquerda e CDS's, houve mais confrontos.

Maia — Milheirós (14/4) — comício do CDS foi boicotado por uma concentração de várias centenas de militantes de esquerda e trabalhadores. Não chegou a haver confrontos. OS CDS's eram menos de 100.

Amarante (14/4) — tentativa de boicote a comício do PPD sem resultado. Alguns confrontos sem consequências.

Chaves (15/4) — boicote a comício do CDS. Confronto entre manifestantes que gritavam «Morte ao ELP e a quem o apoiar» e outras palavras de ordem antifascistas, e elementos do CDS. Intervenção da PSP. Houve dois feridos e a prisão, pela PSP, de um indivíduo com o emblema do PPD.

Pinheiro — concelho Mortágua (15/4) — confronto entre militantes de esquerda e PPD's.

Guimarães (16/4) — boicotado comício da AOC junto ao Castelo de Guimarães.



Violência dos trabalhadores



Não foi só assim, que o fascismo votou: Foi também através do terrorismo!

NO CENTRO

Canas de Senhorim (4/4/76) — agredido com arma branca um elemento do PPD, enquanto decorria um comício deste partido.

Coimbra (4/4) — enquanto decorria o comício do CDS que constituiu um fracasso para o que desejavam, rebentou perto do local um petardo que destruiu dois Mercedes.

Coimbra (5/4) — tentativa de boicote a um comício do PCP (m-l).

Aveiro (5/4) — rebentou um petardo no telhado da sala onde se realizava um comício do CDS.

Freguesia de Frechos (Trancoso) (7/4) — retornados impediram uma sessão do PCP.

Freixes (7/4) — segundo o PCP foram formadas barricadas para impedir militantes seus de fazerem uma sessão.

Nazaré (9/4) — boicotada sessão do PDC que não se chegou a realizar.

Mira d'Aire (9/4) — boicotada sessão do PC.

Alvaiázere (10/4) — Boicotada sessão do PC.

Aveiro (10/4) — tentativa de boicote a comício do PC.

Rio de Loba (10/4) — Boicotada sessão do PC

Alverca da Beira (10/4) — Boicotada sessão do PC

Tolões (11/4 e 17/4) — Boicotadas sessões do PC

Alfaiázere (13/4) — Durante sessão do CDS, na altura do debate gerou-se confusão e houve tentativas de agressão ao Presidente da Câmara de Alcobaca.

Brandoa (16/4) — Foi boicotada sessão do PPD

Teixoso (16/4) — Boicote a um comício do CDS que tinha protecção policial, por populares e militantes de esquerda.

Boidobra (16/4) — Quando o PPD fazia propaganda sonora para o comício, os trabalhadores saíram para a rua, chamaram-lhes fascistas e obrigaram-nos a saírem da vila. À hora do comício, ninguém apareceu, estando somente presentes os organizadores.

Covilhã (13/4) — O CDS foi obrigado a não realizar um comício devido a forte mobilização popular.

Na Covilhã tem havido confrontos entre militantes de esquerda e CDS's, chegando-se mesmo a pintar a cara do fascista Marcelino chefe de fila do CDS.

Marinha Grande (13/4) — Foram boicotados os comícios (dois) do PPD.

CAMPANHA ELEITORAL



violência revolucionária

Continuação da pág. 14

Houve também mobilização popular para boicotar um comício do PDC mas, estes não apareceram.

Alquedão da Serra (20/4) — Comício do CDS boicotado por manifestantes de esquerda. A GNR interveio defendendo os elementos do CDS, alguns dos quais armados e que dispararam.

Tomar (20/4) — Tentativa de boicote a um comício do PPD por manifestantes de esquerda. Houve intervenção da PSP que disparou sobre os manifestantes.

ARREDORES DE LISBOA E LISBOA

Houve manifestações contra comícios do CDS na Amadora, nos Olivais, em Algés, em Vila Franca, no Cacém (onde o comício acabou por ser adiado).

Foi boicotado um comício do PPD em Sacavém.

E ainda:

Murtal (7/4) — Impedida sessão do PPD por populares que gerou confrontos com a segurança do PPD à qual foi apreendido um bastão eléctrico. Os populares dirigiram-se depois para Tires, onde decorria outra sessão do PPD, mostrar à população o que tinham apanhado.

Linda-a-Velha (9/4) — Foi boicotada sessão do CDS que não chegou a realizar-se.

Lisboa (11/4) — Confronto entre manifestantes de esquerda e a PSP, durante uma sessão do CDS. No final houve confrontos com CDSs.

Póvoa de Santa Iria (14/4) — Boicote a sessão do PCP (m-l). Segundo este partido, pelos «socialistas-fascistas».

Lisboa — Incidentes entre militantes de esquerda, trabalhadores e mesmo militantes do PS, com uma caravana do CDS.

AO SUL DO TEJO

Faro (4/4) — O MRPP acusa num comunicado, que elementos do PC agrediram militantes seus que estavam a fazer colagens.

Lagos (4/4) — Intervenção da PSP num comício do MRPP «a fim de abrandar incidentes».

Carvoeiro (7/4) — Segundo a AOC, houve tentativa de boicote ao seu comício.

Mérmele — Monchique (7/4) — Boicotada sessão da AOC.

Aljustrel (7/4) — Boicotada sessão do PS, segundo este partido por elementos afectos ao PC, o que estes negam dizendo que foi por iniciativa popular.

Barreiro (10/4) — Não se chegou a realizar o comício do PPD. Houve, no entanto, concentração de trabalhadores e militantes de esquerda. O comício foi adiado.

Lagos (9/4) — Boicote a sessão da AOC.

Albufeira (11/4) — Boicotada sessão da AOC.

Santa Bárbara de Nexe (13/4) — Boicotada sessão do CDS por manifestantes de esquerda. Apesar da intervenção da GNR a sessão não chegou a realizar-se.

S. Brás de Alportel (18/4) — Tentativa, por manifestantes de esquerda, de boicotar sessão do PDC. Houve intervenção da GNR para proteger a realização do comício.

Barreiro (18/4) — O PPD voltou a desmascarar o comício. Houve, no entanto, manifestações de esquerda, de repúdio à realização do comício.

Loulé (19/4) — Foi boicotada a sessão do PDC.

Setúbal — Incidentes no comício do PPD na praça de touros.

Esteve presente uma força policial composta por 100 polícias de Setúbal e 200 da força especial de intervenção de Lisboa. Os assistentes ao comício eram 200.

Houve manifestação de esquerda com várias centenas de pessoas. A polícia carregou várias vezes sobre os manifestantes. No final do comício houve confrontos entre os manifestantes e os assistentes ao comício.

Sã Carneiro chegou ao comício de helicóptero.

Évora — Tentativa de boicote a comício do PPD que não resultou. Houve confronto com a GNR.

Viana do Alentejo — No comício do PPD, quando se preparavam para falar, os trabalhadores abandonaram a sala, boicotando, assim o comício.

Almansil — Foi boicotado comício do CDS por manifestação popular. Houve confronto entre os CDS's e os trabalhadores.

Mexilhoeira Grande — Foram boicotados os comícios do CDS, do PPD e do PDC.

Moncarapacho — Foi boicotada uma sessão do PPD.

Santa Luzia - (Tavira) — Foi boicotada a sessão do PPD.

Foi boicotada também uma sessão do PCP.

Quarteira — Foi boicotada a sessão do PCP.

Borba - (Évora) — Não chegou ao fim o comício do PPD que foi boicotado por populares.

Monchique — Boicotado comício da AOC.

Lagos — Foi boicotado comício do CDS, houve intervenção da PSP para defender o CDS. Confrontos no final do comício.

No Alentejo, a maioria dos comícios teve muito pouca gente. Nas sessões dos partidos de direita, normalmente estavam marginais que lhes fazem segurança.

Os confrontos de Beja vieram descritos no último número do «Revolução».

No Algarve, os partidos de direita têm marcado comícios mas depois não aparecem. Há que lembrar, ainda, os confrontos de 27 e 28 de Março, em vários pontos do Algarve, entre trabalhadores e manifestantes de esquerda, e o PPD (Lagos, Odeáxere, Ferragudo, Portimão, etc.).

CARTA DE MILITARES PRESOS

«Achamos por bem fazer este trabalho para chamar a atenção de todos os portugueses do que se passa dentro dos quartéis e como se vive numa prisão militar, que nada tem para se poder regenerar e que, se calhar, isto não é lá muito parecido com a democracia de que eles falam».

Esta é uma das afirmações de um grupo de militares presos algures em Portugal, em virtude de não se comportarem conforme entende o R.D.M. (Regulamento de Disciplina Militar) fascista.

Eis a sua carta:

«Através do controlo de todos os órgãos da informação por parte do Governo, é do conhecimento da opinião pública, unicamente aquilo que pode vir a beneficiar a sua expressão e funcionamento, e assim motivar essa opinião pública a aderir a umas eleições traídas e mistificantes, elegendo aqueles que farão as leis que nos irão reprimir. Assim, vemos todos os dias nos jornais, na rádio e TV, que o Governo, nomeadamente o 1.º Ministro, desenvolve uma actividade transbordante para tentar equilibrar a (sua) economia do país. Debruçando-se também pelos outros ramos da actividade nacional como rezam conversas em família, com dirigentes dos principais partidos políticos e outras altas individualidades do país que nunca o deixaram de ser, apesar dos anos passados na roda do tempo. Mas algo que não vem nos jornais nem na rádio nem na TV e é uma realidade bastante dura e cruel, é que ainda há muitos presos no nosso país libertado. Que não se pense que sejam os Pides ou os fachos que voltaram às prisões. Não, esses não fizeram mal a ninguém, são uns inocentes. Assim, as pessoas que estão presas, neste momento e o seu número tem vindo a aumentar neste mês de Março na ordem dos 250 por cento são imigrantes, soldados portugueses que sempre lutaram e lutarão sempre pela não implantação de um novo regime fascista em Portugal. Pois nas cadeias há centenas de militares presos, que vivem nas mais elementares condições de sobrevivência humana. Os mais perigosos (para os fascistas) vivem em celas onde a noite e o dia se confundem e se come e dorme no mesmo lugar em que se fazem as necessidades fisiológicas. Chega-se ao ponto de alguns estarem em completo isolamento. Outros dedicam-se a ser explorados no trabalho diário pois, caso contrário, sofrerão as consequências, e onde o lucro vai para toda a gente menos para os seus produtores. É isto

tudo porquê? Por desejamos que a Revolução Socialista, prometida no 25 de Abril pelos próprios militares que agora nos metem nas prisões, se cumpra, e que parece terem-se esquecido (conveniências!). Mas, como convém que o povo português não saiba como vive parte da sua juventude que está a cumprir o serviço militar obrigatório, e que mais não são do que simples operários camponeses e estudantes, tendo portanto uma actividade produtiva no país, e representantes de uma consciência nacional. Ao contrário dos senhores militares que não têm qualquer participação na produção nacional, consumindo tudo do bom e do melhor, o que só lhes é permitido pelos altos vencimentos que sacam das mãos desses mesmos portugueses. As entidades governamentais tentam, por todos os meios, desviar a atenção de todos os portugueses, intoxicando-os com a falsa realidade nacional para daí advir os seus lucros costumados e continuar a sua exploração desenfreada como até aqui. Que não se iluda com esperanças o povo português, nos resultados das próprias eleições, pois está provado que depois delas verificar-se-á uma inflação galopante de perto de 40 por cento (já vai em 6 por cento) para além do congelamento dos salários e outras restrições. Só ainda não se verificou porque faz parte da campanha eleitoral da burguesia nacional, bem orquestrada pelo capital internacional.

Perante isto, exigimos a imediata libertação de todos os militares presos nas prisões fascistas e que lhes sejam restituídas as liberdades fundamentais de cidadão.

MILITARES PRESOS. FORA DAS CADEIAS
— AMNISTIA TOTAL, PARA MILITARES PRESOS
— DEMOCRACIA DENTRO DOS QUARTEIS

Um grupo de militares preso numa das muitas cadeias deste nosso Portugal «libertado».

